

**Luanna de Sousa do Nascimento Oliveira**

**EXPRESSÕES FIXAS DO PORTUGUÊS FORMADAS A PARTIR DE NOMES  
GERAIS: aspectos lexicais e variacionistas**

**Belo Horizonte  
Faculdade de Letras da UFMG  
2017**

**Luanna de Sousa do Nascimento Oliveira**

**EXPRESSÕES FIXAS DO PORTUGUÊS FORMADAS A PARTIR DE NOMES**

**GERAIS: aspectos lexicais e variacionistas**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva

Linha de pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística

Orientador: Prof. Dr Eduardo Tadeu Roque Amaral

**Belo Horizonte**

**Faculdade de Letras da UFMG**

**2017**

Ao Pedro, meu filho, minha fonte de  
inspiração e força para seguir.

## AGRADECIMENTOS

A minha mãe Lúcia, que me acompanhou e me incentivou nesta caminhada.

A meu filho, minha família e amigos que, mesmo muitas vezes sentindo a minha ausência, souberam compreender a importância deste trabalho.

Ao Prof. Dr. Eduardo Tadeu Roque Amaral, pela dedicação e orientação na presente pesquisa. Foi um professor que, ainda na graduação, me despertou o gosto pela pesquisa linguística e, neste projeto, sempre me incentivou a trilhar novos caminhos nos estudos lexicais.

A todos os professores da Graduação e da Pós-Graduação, que muito contribuíram para que eu chegasse até aqui, em especial à Prof<sup>a</sup> Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, à Prof. Dra. Aléxia Telles Duchowny e ao Prof. Dr. César Nardelli Cambraia, que, mesmo que não saibam, motivaram-me e acreditaram na minha capacidade.

A todos os colegas do Curso de Pós-Graduação, pela amizade e pelo entusiasmo que me passaram, contribuindo para que esta jornada fosse mais tranquila.

Às colegas Bruna Toso, Giovanna Rafael e Mara Silva pela amizade, paciência e pela assessoria técnica prestada na elaboração desta dissertação.

Ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da UFMG por ter acreditado e permitido a realização do projeto.

À Prof. Dra. Aluiza Alves de Araújo da UECE, que me cedeu, gentilmente, as transcrições do Projeto PORCUFORT, viabilizando boa parte desta pesquisa.

Ao CNPq, pelo apoio financeiro.

Finalmente, a todos aqueles que, de alguma forma, me incentivaram e encorajaram a seguir firme nesta empreitada, minha eterna gratidão.

## RESUMO

Este trabalho propõe analisar a variação lexical e variação diatópica de expressões fixas formadas por nomes gerais no português brasileiro. As expressões fixas, embora tenham por característica principal a cristalização, estão propensas a uma escala maior ou menor de fixidez. Nesse ambiente, em expressões, como *não falar coisa com coisa* e *não dizer coisa com coisa*, constata-se que, além de conterem o mesmo sentido, ‘discurso desconexo’, não há variação, neste caso, quanto ao nome geral, e sim dos demais componentes que o acompanham. Por outro lado, podem ser observadas substituições do próprio nome geral, como em *dar uma coisa* e *dar um negócio*, em que o significado de ‘perder os sentidos’ é mantido apesar da variação. Os nomes gerais (*general nouns*) são definidos por Halliday e Hasan (1995 [1976], p. 274) como uma classe de nomes situada entre as classes abertas e fechadas, que possui importante função coesiva por envolver o mínimo de conteúdo semântico referencial. No que concerne à variação diatópica no território brasileiro, como observa Fulgêncio (2008, p. 369), o uso de algumas expressões fixas pode ser considerado tipicamente regional, pois há variação geográfica. Foram selecionados para a análise os nomes *coisa*, *negócio*, *trem*, *troço*, *pessoa*, *homem*, *mulher*, *cara* e *lugar*. O corpus foi extraído dos dicionários Aulete Digital, Ferreira (2010), Houaiss (2009) e Rocha (2011) e de 411 transcrições, em um total de 1.585. 357 palavras, dos projetos *O uso de nomes gerais nos falares mineiros*, *PORCUFORT*, *Grupo Discurso & Gramática* e *Norma Urbana Oral Culta*. Foi constatado que, quanto à variação lexical, mais especificamente aos elementos que variam em mesmo contexto sintático dos nomes gerais, se restringem ao mesmo campo semântico, além de estarem limitados aos demonstrativos (*esse/este/aquele*), aos verbos (*ser/ter*) e à inserção/remoção de elementos tais como advérbio de lugar (*lá*) e artigo (*o*). No que diz respeito à variação do próprio nome geral, esta se dá mais facilmente em marcadores conversacionais. Quanto à variação diatópica, seguindo a indicação dos dicionários no que concerne ao nome geral *trem*, os marcadores conversacionais *esse trem de* e *esse trem todo* se restringem ao falar mineiro, demonstrando um possível indício de uso regional da expressão fixa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Expressão fixa. Nomes gerais. Variação lexical. Variação diatópica.

## ABSTRACT

This thesis intended to analyze the lexical and the diatopic variation of fixed expressions (FEs) of Brazilian Portuguese made of general nouns. Although the FEs have the crystallization as their main feature, they have degrees of fixity. In this context, expressions such as *não falar coisa com coisa* and *não dizer coisa com coisa* have the same meaning (disconnected speech); there is no variation concerning the general noun *coisa* (thing), but there are changes in the other components of the FE. On the other hand, one can observe substitutions of the general noun *coisa* in other FEs, such as *dar uma coisa* and *dar um negócio*, in which the meaning of ‘losing the senses’ is kept despite the variation. The general nouns are defined by Halliday and Hasan (1995 [1976], p. 274) as a class of nouns in between the open classes and the closed ones which have important cohesive function since they comprehend minimum referential semantic content. In relation to the diatopic variation in Brazilian territory, as observed by Fulgêncio (2008, p. 369), the use of some FEs can be considered typically regional, because there is geographic variation. The nouns *coisa*, *negócio*, *trem*, *troço*, *pessoa*, *homem*, *mulher*, *cara* and *lugar* were selected to be analyzed. The *corpora* were extracted from the dictionaries Aulete Digital, Ferreira (2010), Houaiss (2009) and Rocha (2011) and from 411 transcriptions from the projects *O uso de nomes gerais nos falares mineiros*, *PORCUFORT*, and *Grupo Discurso & Gramática e Norma Urbana Oral Culta*, in a total of 1,585,357 words. It was verified that, regarding the elements that vary in the same syntactic context of the general nouns, the lexical variation is restricted to the same semantic field and is limited to the demonstratives pronouns *esse / este / aquele*, to the verbs *ser / ter*, and to the insertion/removal of elements, such as the adverb of place *lá* and the definite article *o*. The general noun variation itself happens more easily in conversational markers. Regarding the diatopic variation, following the indication of the dictionaries concerning the general noun *trem*, the conversational markers *esse trem de* and *esse trem todo* are restricted to the Mineiro way of speaking, demonstrating a possible indication of regional use of the FE.

**KEYWORDS:** Fixed expressions; general nouns; lexical variation; diatopic variation.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Divisão dialetal de Nascentes (1953)	33
Quadro 1	Lista de substantivos gerais do inglês – traço	26
Quadro 2	Lista de substantivos gerais do inglês – grupo	27
Quadro 3	Número de EFs constituídas a partir de um nome geral nos dicionários selecionados	35
Quadro 4	Número de transcrições e de palavras dos <i>corpora</i>	36
Quadro 5	Expressões encontradas nos dados orais	39
Quadro 6	Número total de tipos de EFs dicionarizadas e não dicionarizadas	49
Quadro 7	Agrupamento das EFs em lexicais e gramaticais	50
Quadro 8	Classificação das EFs de acordo com Tagnin (2013)	52
Quadro 9	Agrupamento dos marcadores conversacionais	53
Quadro 10	Listagem das variantes morfológicas dos dados orais	55
Quadro 11	Expressões fixas que apresentaram variação do nome geral	57
Quadro 12	Registro do número de EFs por tipo de falares	61

## LISTA DE SIGLAS

BMB - Bambuí

BHZ - Belo Horizonte

CTE - Caeté

D&G - Grupo Discurso & Gramática

EF - Expressão fixa

EI - Expressão idiomática

FALE – Faculdade de Letras da UFMG

FRT - Fortaleza

IPA – International Phonetic Alphabet

JZF - Juiz de Fora

MOC - Montes Claros

NLM - Nova Lima

NTL - Natal

NTR - Niterói

NUPEVAR – Núcleo de Pesquisa em Variação Linguística da FALE/UFMG

NURC - Norma Urbana Oral Culta

OPR - Ouro Preto

PB – Português Brasileiro

PNV - Ponte Nova

PORCUFORT – Português Oral Culto de Fortaleza

RGD - Rio Grande

RJD - Rio de Janeiro - Grupo Discurso & Gramática

RJN - Rio de Janeiro - NURC

SLG - Sete Lagoas

SLZ - Santa Luzia

SN – Sintagma Nominal

UECE – Universidade Estadual do Ceará

UF - Unidade fraseológica

UFC – Universidade Federal do Ceará

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UL - Unidade lexical

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	13
2.1 As ciências do léxico .....	13
2.2 O léxico .....	14
2.3 O conceito de palavra.....	15
2.4 As expressões fixas.....	17
2.5 Os níveis de convencionalidade.....	24
2.6 Os nomes gerais .....	25
2.7 Variação lexical e variação diatópica.....	30
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	34
<b>4 ANÁLISE E DESCRIÇÃO DE DADOS</b> .....	39
4.1 Seleção das construções encontradas no <i>corpus</i> .....	39
4.2 Aplicação de testes auxiliares e classificação .....	41
4.3 Análise da variação lexical .....	54
4.4 Análise da variação diatópica.....	60
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	66
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	70
<b>APÊNDICES</b> .....	75

## 1 INTRODUÇÃO

Interessa para este trabalho fazer uma análise, em uma perspectiva léxico-variacionista, de expressões fixas que tenham em sua constituição um nome geral. Optou-se por se estudar esse tipo de construção dada a possível potencialidade desse diminuto grupo com reduzido conteúdo semântico em compor novas estruturas com significados que não remetem à somatória dos seus componentes. Tal estudo lexical será guiado pela corrente teórica da Sociolinguística, subárea da Linguística que estuda “a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais” (MOLLICA, 2004, p. 9).

Apesar de as Expressões Fixas (doravante, EFs) terem por característica principal a cristalização<sup>1</sup>, é preciso ficar atento que elas podem estar em uma escala maior ou menor de fixidez. Nesse contexto, em expressões como *não falar coisa com coisa* e *não dizer coisa com coisa*, constata-se que, além de conterem o mesmo sentido<sup>2</sup> – ter um ‘discurso desconexo’, ou seja, ‘dizer disparates’ –, não há variação, neste caso, quanto ao nome geral, e sim dos demais componentes que o acompanham. Por outro lado, podem ser observadas substituições do próprio nome geral, como em *dar uma coisa* e *dar um negócio*, em que o sentido, ‘perder os sentidos’, é mantido apesar da variação lexical.

Por sua vez, os nomes gerais – *general nouns* – são definidos por Halliday e Hasan (1995 [1976], p. 274) como uma classe de nomes situada entre as classes abertas e fechadas, que possui importante função coesiva nos textos por envolverem o mínimo de conteúdo semântico referencial. Esses importantes itens recebem diversas denominações, como palavras *passe-partout*, *nomes nucleares de rótulos retrospectivos*, *substantivo-suporte*, entre outros. O comportamento inerente a esses itens permite questionamentos quanto a possíveis alternâncias entre membros dessa particular classe no interior das expressões, visto que são elementos esvaziados semanticamente. Ainda no que diz respeito à variação, neste caso, diatópica, no território brasileiro, como observa Fulgêncio (2008, p. 369), o uso de algumas expressões fixas pode ser considerado tipicamente regional, pois há variação geográfica. Logo, o trabalho também se presta a assinalar os locais típicos das ocorrências das EFs compostas com um nome geral, caracterizando uma variação diatópica.

Devido a seus comportamentos particulares, outra questão a ser explorada pelo trabalho é o motivo dos nomes gerais aparecerem em expressões fixas. Esses itens, a partir do

<sup>1</sup> Para Gross (1996, p. 3- 4) a cristalização é um processo linguístico que, de um sintagma cujos elementos são livres, faz um sintagma cujos elementos não podem ser dissociados.

<sup>2</sup> Entende-se o termo como “núcleo duro indispensável de significado” (HURFORD e HEASLEY, 2004, p. 127).

que é apontado em alguns estudos, como em Amaral e Ramos (2014) e Mahlberg (2003), podem apresentar diversas propriedades estruturais, discursivas, entre outras, que permitiriam ampla gama de uso, conseqüentemente, participação em novas estruturas.

Ainda que se trate de um conjunto com um restrito número de elementos, como será apresentado posteriormente, é necessária a seleção dos nomes gerais para melhor delimitação e critério de investigação das EFs. A partir dos trabalhos de Mahlberg (2003), sob a perspectiva da Linguística de Corpus, e Halliday e Hasan (1995 [1976]), sob a ótica coesiva e referencial, as expressões fixas que serão analisadas deverão conter os itens: *homem, mulher, coisa, negócio e lugar*. Acrescentam-se *cara, pessoa, trem e troço* por se encaixarem nos critérios de seleção que serão expostos mais adiante.

O estudo das expressões fixas ainda é pouco explorado no Brasil, estando, muitas vezes, voltado ao ensino de uma segunda língua. Percebe-se, também, que há uma carência de análises nessa área quando se trata de estudos de cunho variacionista, como está sendo proposto. Fulgêncio (2008, p. 369) ressalta a importância de tais pesquisas, visto que

no território brasileiro, observa-se que há EFs [Expressões Fixas] tipicamente regionais, usadas numa área geográfica específica, como *cabra da peste*, usada no nordeste; ou *estar apurado* (estar precisando ir ao banheiro), usada no dialeto do Paraná (apud Wanke, 2001); ou *bunda-canastra* (cambalhota), usada em Pernambuco (apud Bernardino, 2002); ou *pro mode* (para) e *em riba* (em cima), usadas em dialetos mineiros. Sendo assim, o estudo diatópico das EFs pode auxiliar na demarcação de um mapa dialetológico brasileiro.

A análise da estrutura interna das expressões idiomáticas tem despertado recente interesse entre alguns linguistas, sendo legítimo aludir alguns, como Xatara (1994, 2002), Tagnin (1989, 2013), Fulgêncio (2008), Raposo (2007) e Riva (2009), que têm contribuído, de certo, nas últimas décadas, para a elaboração de um construto teórico consistente no que diz respeito a essas expressões. No entanto, essas pesquisas não têm por objetivo analisar expressões que contêm em sua composição os nomes gerais, tampouco seguiram os pressupostos da variação. Logo permanecem abertos novos caminhos para tais análises.

Outro fato que deve ser destacado é que, como o estudo das EFs que compreendem em sua constituição um nome geral não foram desenvolvidos na literatura linguística brasileira, não há, dessa maneira, referencial teórico específico sobre essas expressões. Isso, por conseguinte, proporciona ao trabalho um ineditismo e a necessidade de embasamento entrelaçando trabalhos sobre expressões fixas e os nomes gerais.

A particularidade da classe dos nomes gerais é também fonte motivadora do presente trabalho. Devido à sua extensa flexibilidade de uso, esses itens são muito comuns e, por possibilitarem referência generalizada, se tornam muito úteis e frequentes em expressões

idiomáticas. De acordo com Amaral e Ramos (2014, p. 41), esses nomes “aparecem em várias locuções ou fraseologias na língua”. Os dicionários consultados pelos autores registram, por exemplo, com o item *coisa*, *coisa-à-toa*; *coisica de nada*; *não ser grande coisa*. Com *negócio*, são encontradas *negócio da China*; *negócio de pai para filho*. O item *pessoa*, por sua vez, tem registrado *em pessoa*; *ser a segunda pessoa de*. No entanto, há expressões que ainda não foram dicionarizadas, como *com coisa que, é o tipo da coisa e esse negócio de*. Dessa maneira, o estudo sobre a produtividade dos nomes gerais no processo de formação de expressões fixas se mostra relevante, visto que é observado um grande número de cristalizações, até então, não dicionarizadas.

O objetivo do trabalho é, portanto, analisar, com base nos estudos de variação lexical e diatópica, EFs formadas a partir dos nomes gerais. Constituem ainda objetivos específicos:

- a) aferir qual nome geral demonstra ser o mais prototípico para formação dessas expressões cristalizadas;
- b) verificar se a frequência dos nomes gerais, em termos de prototipicidade característica da classe, está relacionada à sua produtividade na formação de EFs;
- c) apurar, acerca da variação lexical, quais elementos em mesmo contexto sintático do nome geral variam para que, por conseguinte, sejam listadas as variantes de uma mesma expressão;
- d) observar, ainda a respeito da variação lexical, se são permitidas alternâncias do nome geral que compõe as EFs.
- e) identificar, em relação à variação diatópica, as expressões fixas que podem ser caracterizadas regionais a partir das informações apontadas nos dicionários assim como pelas constatadas nos *corpora* constituído de transcrições;
- f) analisar expressões não dicionarizadas.

A fim de atender aos objetivos propostos neste estudo, o trabalho é dividido em três capítulos. O primeiro capítulo, que apresenta o referencial teórico, é dividido em 7 seções. A primeira apresenta, de forma breve, os três campos de estudo do léxico, a Terminologia, a Lexicografia e a Lexicologia, enfatizando a última, na qual o trabalho se insere. A segunda discorre sobre o caminho linguístico-histórico e os conceitos sobre o léxico apresentados por diversos pesquisadores, tais como Biderman (1998; 2001) e Basílio (2004). A terceira seção aborda o conceito de palavra e lexias complexas abordadas por Biderman (2001) e Pottier (1974). Na quarta são apresentadas as discussões de estudiosos, como Fulgêncio (2008), Tagnin (2001), Xatara e Oliveira (2002) e Raposo (2007) acerca das características semânticas, sintáticas e morfossintáticas das EFs, bem como os testes que serão aplicados

sobre aquelas encontradas nos *corpora*. Os três níveis de convencionalidade são esclarecidos na quinta seção, uma vez que, nas análises posteriores, as EFs serão agrupadas a partir deles. Em seguida, na sexta seção, sobre os nomes gerais, são discutidos os trabalhos dos principais autores que contribuíram para os estudos desta classe de limitado conteúdo semântico e são ilustrados os critérios usados para a seleção dos nomes gerais. Por último, em *Variação lexical e variação diatópica*, aborda-se, dentro da Sociolinguística, o modelo léxico-variacionista, considerado pela pesquisa o mais adequado para o estudo das expressões fixas.

O capítulo seguinte traz a *Metodologia* e apresenta os procedimentos utilizados na pesquisa, desde os critérios de composição da amostra de análise – seleção das obras lexicográficas e transcrições –, bem como para o agrupamento dos projetos para posterior análise diatópica.

Já o capítulo *Análise e descrição de dados* é dividido em 4 partes. Na primeira, é feita a seleção das construções, tanto as dicionarizadas quanto as não dicionarizadas, encontradas nos *corpora*. Na segunda, são aplicados os testes auxiliares propostos por Fulgêncio (2008) com o objetivo de identificar traços comuns à classe das EFs de forma a incluí-las no grupo. A terceira se volta à análise lexical das EFs. O estudo verifica quais elementos em mesmo contexto sintático do nome geral podem variar. Além disso observa em quais construções são autorizadas permutas do próprio nome geral sem danificar o sentido da expressão. Em seguida são apresentadas as análises das EFs de acordo com a região em que são registradas baseadas no trabalho de Nascentes (1953) a fim de perceber se o uso de algumas expressões fixas pode ser considerado tipicamente regional.

Por último, nas *Considerações finais*, são apresentados e discutidos os resultados encontrados a partir das análises realizadas, além da indicação de passos para futuros trabalhos.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

A primeira seção deste capítulo se inicia com uma breve exposição sobre as vertentes de estudos sobre as ciências do léxico: *terminologia*, *lexicografia* e a mais relevante ao trabalho, a *lexicologia*, visto que tais explanações irão delimitar e conduzirão o presente trabalho por um caminho mais bem respaldado ao seu objetivo principal, a análise de expressões fixas do português formadas a partir de nomes gerais. Ademais, é feita uma discussão acerca do *léxico* e da noção de *palavra*. Ainda nesse campo teórico, é dada ênfase, em uma seção subsequente, à conceituação de Expressão Fixa (EF), postulada por Fulgêncio (2008). São adotados como fundamentação teórico-metodológica Tagnin (2013) e Fulgêncio (2008) relacionados, respectivamente, aos tipos de Expressões Fixas (EFs) e aos testes auxiliares para a detecção destas. A seção seguinte, sobre os níveis de convencionalidade, também se apresenta necessária para os merecidos esclarecimentos sobre os níveis de convencionalidades que podem ocorrer em variados níveis da língua. É feita, igualmente, uma compilação dos trabalhos dos autores que se voltaram ao estudo e análise dos *nomes gerais* e, por conseguinte, contribuíram e incitaram a investigação de novos e relevantes caminhos desta classe. Por último, é estabelecida a abordagem variacionista lexical e diatópica, segundo as concepções sociolinguísticas, oferecendo fundamental alicerce teórico para as análises pretendidas pela pesquisa.

### 2.1 As ciências do léxico

O léxico, como objeto de estudo, tem sido abordado com maior relevância nas últimas décadas por várias ciências. Para esta pesquisa é importante saber que a Terminologia, a Lexicografia e a Lexicologia estão diretamente ligadas à materialidade linguística do objeto léxico e que cada uma, a sua maneira, pormenoriza o léxico das línguas existentes.

A Terminologia, de maneira genérica, se refere ao uso e estudo de termos pertencentes a uma linguagem especializada em um contexto específico. A Lexicografia, por sua vez, busca, por meios técnicos, registrar as unidades léxicas de uma determinada língua em obras lexicográficas. Nunes (2006, p. 150) descreve a Lexicografia como “um saber linguístico de natureza prática, tendo em vista a aquisição de um domínio de língua, de um domínio de escrita e de um domínio de enunciação e de discurso”. Assim, a lexicografia desponta como ciência essencial para contribuir para o desenvolvimento da competência lexical.

Este trabalho se insere no campo da Lexicologia, que é uma ciência do ramo da Linguística que tem por objetivo, sob diversos aspectos, o estudo científico do acervo de palavras de um determinado idioma, ou seja, do léxico de uma língua. Enquanto elemento que compõe a língua e atua de forma facilitadora retratando as mudanças e variações linguísticas, o léxico reflete as transformações sociais de uma comunidade, de um povo, já que está sempre incorporando e transformando novos vocábulos, *i.e.*, diferentes unidades lexicais.

## 2.2 O léxico

De forma ampla, o léxico pode ser definido como um conjunto de palavras de uma língua. Observa-se na literatura linguística que, como apontado por Fulgêncio (2008), entre 50 e 60 anos atrás, havia um maior número de estudos sintáticos ou fonológicos se comparados aos estudos sobre a estrutura do léxico e mais especialmente sobre a composição das expressões fixas.

O léxico também é concebido como vocabulário e o repositório de informações idiossincráticas da língua. Biderman (2001, p. 170) destaca a diferença entre os termos *léxico*, acervo dos lexemas<sup>3</sup> de uma língua, e *vocabulário*, conjunto das lexias, por exemplo, registradas na obra de um autor. Ainda entre os autores que buscam esclarecer a definição do termo, está Basílio (2004, p. 7 e 9), ressaltando que

o léxico é tradicionalmente definido como o conjunto de palavras de uma língua. [...] Mas um conjunto fechado de unidades de designação não é suficiente. [...] O léxico, portanto, não é apenas um conjunto de palavras. Como sistema dinâmico, apresenta estruturas a serem utilizadas em sua expansão.

Para a autora, portanto, esse sistema não é apenas um agrupamento de palavras<sup>4</sup> inerte e discreto, e sim um repertório, que, através da interação entre seus elementos, engloba novas construções<sup>5</sup>.

Entre os autores que traçam um caminho linguístico-histórico sobre a definição do léxico, destaca-se Biderman (2001, p. 179), que concebe o sistema como toda a experiência acumulada por uma comunidade durante sua existência, assim

qualquer sistema léxico é a somatória de toda experiência acumulada de uma sociedade e o acervo de sua cultura através das idades. Os membros dessa mesma sociedade funcionam como sujeitos-agentes no processo de perpetuação e reelaboração contínua do léxico de sua língua.

<sup>3</sup> O termo lexema é concebido por Biderman (2001, p. 169) para designar a unidade léxica abstrata em língua.

<sup>4</sup> O conceito do termo *palavra* será apresentado na seção 1.3.

<sup>5</sup> Termo usado para reunião dos elementos formais linguísticos no vocábulo, na locução, na oração e assim por diante (CAMARA JR, 2009, p.102).

Outra função que pode ser atribuída ao léxico de uma língua é servir como um meio à sociedade para constituir uma forma de registrar e nomear sua realidade. Biderman (1998, p. 111) evidencia que a “geração do léxico se processa através de atos sucessivos de cognição e realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos: as palavras”. Ainda de acordo com a autora, “o vocabulário exerce um papel crucial na veiculação do significado, que é, afinal de contas, o objetivo de comunicação linguística” (BIDERMAN, 1996, p. 27).

Consoante com a visão da autora acima, novamente, compreende-se que novas expressões existem ou surgem no léxico devido à necessidade do falante em relacionar sua linguagem com o mundo. Logo, o significado de uma palavra dentro do sistema tem origem em uma rede de significações que se organizam em uma língua em função do léxico. O signo linguístico<sup>6</sup> formaria então uma unidade léxica, que constitui o patrimônio desse sistema linguístico e representação do mundo adquirido pelo falante durante sua vida. Ademais, Biderman (1998, p. 117) ressalta que “a significação se origina e lança raízes no universo cognoscível, interpretado e simbolizado por palavras, e o conjunto dessas palavras vem a ser o léxico de uma língua”.

Diante do que foi supracitado, este trabalho assume que o léxico tem como função representar, de forma dinâmica, heterogeneidades materiais, sociais e culturais do mundo. Essa dinamicidade resulta na evolução, transformação e criação no plano referencial que se estende automaticamente ao nível lexical, independente de qual seja a forma semântico-lexical adotada para expressá-la. Sendo assim, o léxico deve, por conseguinte, fazer frente às novas necessidades da sociedade, uma vez que toda “coisa”, todo conceito deve ser nomeado para ser objeto do conhecimento e ter acesso a uma existência social (GUILBERT, apud NUNES, 2012, p. 20).

### 2.3 O conceito de palavra

Abre-se, então, uma explanação relevante, embora abundantemente complexa, sobre a noção de palavra. Abordar esta fundamental noção é necessário para o presente estudo, dado que há controvérsias sobre a definição das expressões fixas, uma vez que são armazenadas

---

<sup>6</sup> O conceito de signo linguístico é apresentado por Saussure e estabelece a arbitrariedade da união entre o signo ao significado uma vez que se entende por signo o total resultante da associação de um significante a um significado (SAUSSURE, 1969 [1916], p. 100).

como um bloco, atuando como uma palavra qualquer da língua, mas formadas por mais de um item lexical.

A discussão sobre um conceito geral de palavra, ainda hoje, não finda e engloba diversas tentativas de delimitação. Embora possa ser considerada como o ponto de partida para o estudo dos diversos fenômenos linguísticos, a definição de *palavra* é complexa, não sendo possível fazê-la de modo universal. A adotada por este trabalho, dentro da concepção de Biderman (2001, p.115), é a de que os contornos formais da palavra “situam-na entre uma unidade mínima gramatical significativa – o morfema – e uma unidade sintática maior – o sintagma”.

Para Sapir, na década de 1940, a “língua socialmente formada influencia, por sua vez, a maneira pela qual a sociedade concebe a realidade” (SAPIR, 1949, p. 68). Ou seja, nesta percepção, o léxico contém unidades linguísticas que refletem a necessidade e realidade social de uma comunidade de fala.

Uma vez que cada língua recorta e configura a realidade diferentemente em categorias linguísticas e mentais específicas, uma definição não pode ter um valor absoluto, já que a validade universal é precipitada no atual estágio de desenvolvimento da Linguística. Portanto, só é possível identificar a unidade léxica, delimitá-la e conceituá-la no interior de cada língua.

Além disso, sabe-se que o léxico de uma língua inclui unidades muito heterogêneas, compreendendo desde monossílabos e vocábulos simples, até sequências complexas formadas de vários vocábulos e mesmo frases inteiras, como é o caso de muitas expressões idiomáticas e provérbios (BIDERMAN, 2001, p. 170).

Para Biderman (2001), essas estruturas complexas são chamadas de “unidades fraseológicas (UFs)”, denominadas pelo trabalho de *unidades lexicais* (ULs), e sua identificação é “fundamental para a análise computacional de textos porque elas se comportam irregularmente tanto morfossintática como semanticamente” (2001, p. 171). Uma consequência de admitir as lexias como uma combinatória fechada no léxico é que isso permite que elas tenham algum tipo de estrutura linguística interna: sintática, semântica, morfológica e fonológica.

Para Pottier (1974), lexias são elementos lexicais ou lexemas – unidades funcionais significativas de comportamento linguístico, que se opõem ao morfema e à palavra e que assumem o papel central na distinção das partes do discurso com formas e estruturas linguísticas de natureza diferente e são classificadas da seguinte maneira: *lexia simples* – constitui-se de um só radical, de um único lexema, com ou sem afixos; *lexia composta* – contém mais de um tema ou radical; *lexia complexa* – é constituída de uma sequência

lexemática, com dois ou mais lexemas, que, em virtude de seu uso constante na língua, acabam por se transformar em construções fixas, em um processo de lexicalização semântica, adquirindo significado único, em graus diversos.

As lexias são rotuladas como *simples* e *complexas* por Biderman (2001). À primeira, é reservado a concepção de unidades grafadas como um único segmento e, à segunda, daquelas formadas por mais de um elemento, embora sejam categorizadas pela gramática como lexemas. A autora ainda ressalta, além das lexias complexas, a existência de um considerável número de expressões idiomáticas, “que são combinatórias de lexemas que o uso consagrou numa determinada sequência e cujo significado não é a somatória das suas partes” (BIDERMAN, 2001, p. 173).

Por fim, ressalta-se que os estudos linguísticos com suas generalizações esquemáticas não analisam a formação e compreensão de unidades lexicais, como *coisa de louco* e *negócio da China*. Em consequência, há ainda uma grande necessidade de mais estudos sobre esses significativos itens do sistema, os quais o presente trabalho pretende, por conseguinte, contribuir.

#### 2.4 As expressões fixas

A classe das expressões fixas (EFs), como observa Iriarte Saromán (2000, p. 180), tanto na prática lexicográfica quanto na bibliografia teórica, possui uma multiplicidade terminológica de designações. Assim

em autores e épocas diferentes, deparamos com termos como *frasema*, *colocação*, *solidariedade lexical*, *modismo*, *locução*, *frase feita*, *expressão idiomática*, *idiomatismo*, *expressão fixa*, *lexia complexa*, *unidade fraseológica*, *fraseologismo*, *sintagma*, *expressão* ou *construção fossilizada*, etc., que são utilizados para referir-se ao mesmo conceito ou a conceitos diferentes. (IRIARTE SANROMÁN, 2000, p. 180)

Para Xatara e Oliveira (2002), tal classe é concebida como um “grupo cristalizado com um determinado valor lexical preenchido convencionalmente, ou seja, ligado a um fato social” (XATARA e OLIVEIRA, 2002. p. 57). Fulgêncio (2008, p. 101) considera ser EF “qualquer sequência de palavras que é memorizada pelos falantes da língua como um todo unitário, sendo igualmente recuperada da memória em bloco, sem o intermédio obrigatório da aplicação de regras de valor geral”, noção acolhida por este trabalho por ser considerada a mais adequada aos objetivos propostos. Sua estrutura sintática, para além de ser geralmente

fixa e tender a não permitir variabilidade livre na ordem dos elementos componentes, não é justaposta a partir de regras, mas recuperada da memória como um todo e reconhecida como uma unidade informacional pelos usuários da língua. Com base nessas particularidades, essas estruturas compreendidas como bloco único são convencionais do ponto de vista do significado, uma vez que, conforme Tagnin (1989) aponta, o conhecimento de cada palavra que compõe a expressão não leva ao significado do conjunto, precisamente porque o grupo tem um significado arbitrário.

O que particulariza esse tipo de estrutura fixa, ainda segundo Tagnin (2013, p. 19), “é que todas essas unidades linguísticas são aprendidas como um todo, isto é, em bloco”. A autora classifica as expressões fixas com base em características sintáticas, semânticas e/ou pragmáticas. Tendo isso em vista, as EFs são agrupadas pela autora em oito tipos:

- a) **Coligações:** combinação consagrada de um elemento lexical com uma categoria ou padrão gramatical. São diferenciados três tipos de coligações: regência, *phrasal verbs* (verbo frasais) e prepositivas. As coligações de *regência* englobam todos os tipos de regência, ou seja, os verbos, substantivos ou adjetivos e advérbios necessariamente seguidos de preposição (*obedecer a, cumpridor de*). Os *phrasal verbs* (verbo frasais) não existem em português, mas, no inglês, são formados por um verbo seguido de uma partícula adverbial (*depend on*). Por último, as *coligações prepositivas*, que incluem ocorrências dos tipos: Prep + SN (*ao acaso, em comum*) e Prep + SN + Prep (*ao custo de, de acordo com*);
- b) **Colocações (*collocations*):** termo introduzido pelo linguista britânico J.R. Firth para designar casos de coocorrência léxico-sintática. Pode ser definido como a combinação lexical consagrada de duas ou mais palavras de conteúdo. As colocações são agrupadas em *adjetivas*, que reúnem estruturas do tipo Adj + S, em que tanto o adjetivo quanto o substantivo podem ser convencioneados (*parente próximo, política externa*); *nominais*, formadas por dois substantivos dos quais pelo menos um, o colocado, é convencioneado (*fita isolante, praça pública*); *verbais*, quando alguns substantivos coocorrem naturalmente com determinados verbos, mas que podem diferir de uma língua para outra (*fazer uma piada, dar à luz*); *expressões especificadoras de unidade*, não são encontradas no português, mas, no inglês, os substantivos que designam objetos incontáveis possuem apenas uma forma, impossibilitando a distinção entre o singular e o plural, assim, para indicar a “unidade” desses substantivos, empregam-se expressões de valor partitivo (*a piece of* – “um

pedaço de”, *a clove of garlic* – “um dente de alho”); e *coletivos*, que são palavras convencionalmente usadas para se referir a um grupo de coisas (*uma colônia de formigas, um lance de escadas*);

- c) **Binômios**: podem ser considerados um tipo especial de colocação em que, em nível sintático, o aspecto convencional é o da ordem de ocorrência dos elementos. Geralmente são formados por duas palavras pertencentes à mesma categoria gramatical e ligadas por uma conjunção ou preposição. Podem ser caracterizados de acordo com dois aspectos sintáticos e um semântico. O primeiro aspecto sintático refere-se à combinabilidade, ou seja, é necessário que a associação de seus elementos tenha sido convencionalizada e que esses elementos usualmente ocorram juntos (*lucros e perdas*). O segundo aspecto refere-se aos binômios formados por elementos idênticos. Nesses casos, é a combinalidade dos elementos que é consagrada (*out and out* – “completamente”). Quando a ordem é o fator convencionalizado, a expressão torna-se *irreversível* (*cães e gatos*) e, quando a ordem não é fixa, são denominados *reversíveis* (*dia e noite/ noite e dia*). Quanto ao aspecto semântico, os binômios podem se caracterizar por serem *idiomáticos* (*mala e cuia*) e *não idiomáticos* (*marido e mulher*);
- d) **Estruturas agramaticais consagradas**: no nível sintático, por convencionalização, estruturas se gramaticalizam e se tornam perfeitamente aceitas na língua. Há dois tipos de estruturas que se qualificam como convencionais, porém, agramaticais: *estruturas sintaticamente cristalizadas* – que são construções imprevisíveis, quer por não haver regras na gramática que expliquem sua formação, quer por violarem certas regras da norma padrão (*não tem de quê!, tremia que nem vara verde*) – e *bloqueio sintático imprevisível*, que engloba estruturas gramaticais, mas que são sujeitas a certas restrições sintáticas (na língua inglesa, alguns verbos coocorrem obrigatoriamente com *can* – *financial mistakes you can't afford to make*);
- e) **Expressões convencionais**: denominadas unidades estendidas de significado (*extended units of meaning*) por Tognini-Boneli (2001), são construções um pouco mais longas<sup>7</sup> (*sic*), mas que ainda não fazem parte das expressões idiomáticas por seu significado ser transparente. Não há dificuldade em entender esse tipo de expressão, contudo, devem ser aprendidas uma a uma. Um falante que tivesse que as produzir, por exemplo, em uma língua estrangeira, talvez chegasse a estruturas similares, mas

---

<sup>7</sup> A autora não especifica o que é uma construção mais longa.

não saberia que é assim “que se diz” (*for your own good* – “para o seu próprio bem”, *be off duty* – “estar de folga”);

- f) **Expressões idiomáticas**<sup>8</sup>: é tipificada pela convencionalidade do tipo semântico. Essas estruturas possuem significado não composicional, isto é, o significado da expressão não é previsível a partir do significado de suas partes, indicando que foi convencionalizado. Ainda que a expressão tenha sido originalmente metafórica, essa imagem se perdeu, de forma que passou a ser decodificada como um todo. Vale ressaltar que a idiomaticidade de uma expressão pode ser apenas parcial, ou seja, é um aspecto que pode existir em maior ou menor escala numa expressão, podendo apresentar graus de idiomaticidade maiores ou menores. Ainda no nível semântico, as aspectos que podem ser convencionalizados são: a *forma linguística*, quando uma expressão passa a ter um significado distinto do significado dos seus constituintes (*pagar o pato*, *pé-de-meia*); a *imagem*, que pode ter significados diferentes em culturas diferentes (gesto feito com o encontro do polegar com o indicador, na língua inglesa significa ‘ok’, no português é um gesto obsceno); e *expressões metafóricas e idiomáticas*, pois, como a idiomaticidade é uma questão de grau, as expressões podem ser analisadas em uma escala de idiomaticidade, colocando, na parte mais baixa dessa escala, as expressões menos idiomáticas, em que apenas um ou alguns de seus elementos são idiomáticos, ou as expressões metafóricas cuja imagem seja de fácil decodificação (*pôr água na fervura* – ‘acalmar os ânimos’) e, na parte mais alta, as totalmente idiomáticas, quando nenhum de seus constituintes contribui para o significado total da expressão (*bater as botas* – ‘morrer’);
- g) **Marcadores conversacionais**: estas expressões encontram-se em um nível pragmático da convencionalidade, isto é, no uso da língua em interações sociais. Em situações que exigem determinados comportamentos, funcionam como forma interativa indicando ao ouvinte a intenção do falante quanto a sua participação na conversação. São então estratégias utilizadas para estabelecer relação entre os interlocutores, sendo fundamentais e recorrentes na construção do discurso. Os marcadores conversacionais possuem funções diversas como de *estruturação semântica*, que sinalizam que o falante deseja que o enunciado que se segue seja interpretado de certa maneira, por exemplo, como uma opinião (*a meu ver...*), uma restrição (*tudo bem, mas...*), uma digressão (*por falar em...*), uma sugestão (*o que*

---

<sup>8</sup> O trabalho se apoia em Tagnin (2013) quando utiliza o termo *idiomático* para significar o que é “não transparente” ou “opaco”.

*você pode fazer é...*) etc. Há os de *sinalização do contexto social*, que assinalam a intenção do falante quanto à tomada de turno e seu *status* social numa conversação. Eles podem indicar o desejo de tomar o turno (*gostaria de dizer algo*), de manter o turno (*bem, vamos ver...*), deixar o turno (*é mais ou menos isso...*) e de passagem de turno (*qual a sua opinião?*). Os marcadores de *sinalização da disposição de entendimento* indicam a prontidão do falante para receber, ou não, (*gostaria de saber tudo a respeito, isso não me adianta nada*), fornecer, ou não (*tenho algo a lhe dizer, isso não é da sua conta*) ou partilhar, ou não (*sem dúvida, isso é novidade para mim*) informações, opiniões ou emoções. Os marcadores de *sinalização de controle da comunicação* asseguram ao falante que o ouvinte está disponível a receber a mensagem (*está me acompanhando?*), o ouvinte incentiva o falante (*e aí?*), o ouvinte não entende o falante (*poderia repetir, por favor?*) e esclarecimento de mal-entendido (*não foi o que eu disse*);

- h) **Fórmulas situacionais:** São expressões que abarcam fórmulas de polidez e distanciamento, provérbios, frases feitas, citações e fórmulas de rotina. Existem basicamente três tipos: *fórmulas situacionais sintáticas*, em que uma parte da estrutura é fixa e a outra – de conteúdo –, variável (*Você se importaria de...?*); fórmulas fixas proferidas a título de comentário dentro de determinada situação, ou seja, é necessário apreensão do contexto para assimilar o seu sentido (*Não seja infantil!*); e as *fórmulas de rotina*, usadas quando há situações que determinam um comportamento ritualizado por parte dos participantes (*O prazer é (todo) meu.*).

A classificação de Tagnin, conforme pode ser percebido, abarca, satisfatoriamente, uma ampla gama de tipos de estruturas cristalizadas comuns ao léxico da língua portuguesa, que atende e fornece uma base teórica apropriada para a proposta deste trabalho.

Uma característica das expressões fixas é ser indecomponível. Raposo (2007, p. 40), ao analisar a natureza morfossintática das expressões idiomáticas (EI), verifica que a relação existente entre as partes para formar o todo pode ser examinada por meio dos aspectos morfossintáticos e semânticos. A pesquisadora entende que essas estruturas

são sintagmas, combinações de duas ou mais formas linguísticas, em que uma delas funciona como determinante e a outra como determinado. Há um elo de subordinação e, dessa forma, estabelecem-se estruturas tipológicas de acordo com o elemento que pode ser alterado na expressão idiomática. Em outras palavras, os elementos que compõem a expressão se subordinam a um termo que se caracteriza como sendo o núcleo da lexia complexa e esse, por sua vez, é o elemento passível de transformação. No entanto, as possibilidades de mudança dos elementos que compõem uma EI não estão circunscritas apenas ao núcleo da estrutura, embora as mudanças no núcleo sejam mais frequentes. (RAPOSO, 2007, p. 40)

As observações da autora sobre a estrutura interna das EI podem ser expandidas para os demais tipos de expressões fixas, visto que também possuem a indecomponibilidade como característica e, posteriormente, tais considerações contribuirão para as análises sobre a variação lexical das expressões fixas encontradas no *corpus*.

No que diz respeito ao reconhecimento de uma construção como EF ou não, Fulgêncio (2008) propõe dez testes auxiliares que funcionam como instrumental de avaliação. São eles:

- a) **Teste da independência dos componentes da expressão:** consiste em examinar se algum item da sequência não é totalmente livre e, principalmente, se, usado fora da expressão, possui significado específico não relacionado ao conjunto. Desta forma, construções que apresentam termos que não possuem independência do grupo e não podem ser descolados da estrutura na qual se encontram afirmam a idiomaticidade do grupo;
- b) **Teste da referência:** consiste em verificar se o significado das palavras não permite interpretar a combinação do sintagma. Se for encontrado um nome que não remeta a um referente nesse contexto, isto é, cuja menção não evoca um referente (nem referencial nem atributivo), há forte indício de que a sequência seja uma EF. Gross (apud FULGÊNCIO, 2010, p. 331) chama essa característica de “não atualização dos elementos”, traço típico nas expressões não-literais, que demonstra que o arquivamento das EFs se dá como uma única unidade conceitual;
- c) **Teste da substituição anafórica pronominal:** consiste em verificar a impossibilidade de substituição de um dos elementos internos da EF por um pronome. Esse exame permite comprovar que, muitas vezes, os nomes que compõem a EF não são passíveis de substituição anafórica dentro da expressão. Em decorrência, somente a expressão completa pode ser substituída por uma anáfora. Ex: Aquele rapaz saiu ontem à noite e *encheu a cara*. Ele *faz isso* toda vez que sai com a turma de amigo (*isso* = a encher a cara);
- d) **Sinonímia e possibilidade de substituição paradigmática<sup>9</sup>:** verificação da possibilidade de substituição paradigmática de itens integrantes da EF por outros sinônimos<sup>10</sup> ou de mesmo campo semântico. O que se observa, até então, é que no

<sup>9</sup> Este trabalho pretende mostrar que é possível a substituição dentro do mesmo campo semântico sem descaracterizar uma EF com nomes gerais devido à particularidade da classe (cf. seção 4.3).

<sup>10</sup> É adotada a definição “possibilidade de dois ou mais termos poderem ser empregados um pelo outro sem prejuízo do que se pretende comunicar” de Câmara Jr. (1968, p. 354).

caso das EFs, muitas vezes, não se pode substituir uma palavra por um sinônimo ou por uma paráfrase devido à rigidez lexical da construção. Ex: *fazer tempestade em copo d'água/ \*fazer toró em copo d'água*;

- e) **Antônimos (positivo/ negativo):** verifica-se a impossibilidade de substituição dos termos integrantes por antônimos com a intenção de compor uma construção oposta. Ex: Olha só o que você vai fazer...*pensa bem...* (a substituição de *bem* por *mal* gera *\*pensar mal*, que tem significado diferente de “examinar com cuidado”);
- f) **Teste da interrupção (hesitação e inserção):** ao se examinar que não é possível a hesitação entre uma palavra ou outra, tem-se o indício de que o grupo deve ser uma EF e é armazenada como um bloco único pelo falante. Mas quando a hesitação é possível, pode ser que o grupo seja ou não uma EF. Talvez a possibilidade de hesitação esteja ligada à possibilidade de interrupção entre grandes constituintes da oração. Ex: *Pra bom entendedor...eh... meia palavra basta*. Quanto à possibilidade de inserção de elementos ao grupo idiomático, os intensificadores e os quantificadores são os itens mais prováveis e mais aceitos como inserções ou acréscimos numa EF. Ex: *bater muita perna*;
- g) **Teste da língua estrangeira:** trata-se de um contexto de descoberta, não de justificação, para dar boas indicações se um grupo é uma EF. Quando um agrupamento é construído diferentemente em uma língua estrangeira, isso pode ser um indicador de que se trata de uma EF. Caso não seja uma EF, a tradução literal mais a adaptação do grupo às regras da língua da tradução, produz a mesma ideia. Ex: *matar aula - \*to kill the lesson* (em inglês se diz *to play hooky*);
- h) **Invariabilidade de ordem e irreversibilidade:** como muitas expressões fixas não admitem a variação de ordem das palavras que compõem o grupo idiomático, a testagem quanto à possibilidade de mudança de ordem dos elementos pode indicar se se trata de um sintagma construído ou de uma expressão fixa. Ex: *cara ou coroa (\*coroa ou cara)*;
- i) **Teste do recorte:** para verificar se uma sequência de palavras é uma expressão fixa, pode-se tentar recortar o grupo, verificando se o conjunto se mantém semanticamente indivisível e se o recorte destrói a expressão. Ex: *entrar nessa boca* – Você não pode perder essa *boca* / A *boca* que ele me ofereceu era boa demais. Conclui-se que é a palavra *boca* que tem um uso especial com o significado de “oportunidade favorável”;

- j) **Teste do bloqueio de propriedades transformacionais:** as estruturas verbais do português admitem mudanças que geram estruturas correspondentes, que geralmente são nomeadas de “transformações”. A título de exemplo, é possível topicalizar parte de uma oração (*eu não como esse bolo* > *esse bolo eu não como*), é possível passivizar construções ativas (com exceções), é possível relativizar SNs (*João leu esse livro* > *esse livro que João leu...*) e é possível construir sentenças clivadas (*foi esse livro que João leu*). No caso das EFs, essas propriedades não se aplicam da mesma maneira como em sintagmas verbais construídos composicionalmente. Ex: Eu não gosto de ficar *batendo boca* > *\*boca*, eu não gosto de ficar *batendo*.

Os testes apresentados por Fulgêncio (2008) são, para o trabalho, eficazes ferramentas, que permitem, através dos critérios de seleção, a inclusão ou não das construções encontradas no *corpus* na classe das EFs.

Por fim, reforça-se que as unidades cristalizadas, denominadas expressões fixas, são presentes e comuns nas línguas naturais, construídas e compreendidas pelos usuários e funcionam como qualquer palavra da língua.

## 2.5 Os níveis de convencionalidade

Existem níveis de convencionalidades que podem ocorrer em variados níveis da língua. Um deles refere-se à relação arbitrária que existe entre uma palavra e seu significado. No entanto, há palavras que são parcialmente motivadas, ou seja, cuja relação com seu significado é clara, como é o caso das palavras onomatopaicas, que imitam na escrita sons, ruídos e movimentos produzidos por seres animados, objetos ou fenômenos naturais, como *trim-trim* (som do telefone), *cocoricó* (cacarejo da galinha). Tagnin (2013) aponta que existem níveis além desse básico<sup>11</sup> citado que são:

- a) **nível sintático:** compreende a combinalidade dos elementos, sua ordem e sua gramaticalidade. A autora concebe o primeiro como a faculdade que os elementos linguísticos têm de se combinar; o segundo quando a posição que os elementos ocorrem pode ser resultado de convenção; e o terceiro está ligado às expressões que fogem às explicações das regras gramaticais. Dentro desse aspecto estão encaixadas as

<sup>11</sup> Não serão tratados neste trabalho os níveis fonológico e morfológico.

*coligações, colocações, binômios, estruturas agramaticais consagradas e expressões convencionais;*

- b) **nível semântico:** verifica-se, neste nível, a convencionalidade na relação não motivada entre uma expressão e seu significado. Um exemplo é *chutar o pau da barraca*, cujo significado, ‘desistir’, não tem explicação ou motivação lógica para sua compreensão no plano sincrônico. Pertencem a esse nível as *expressões idiomáticas;*
- c) **nível pragmático:** abrange o uso da língua em situações de interação entre falantes exigindo um certo comportamento social e a expressão a ser empregada nessa ocasião. Dessa forma, há expressões linguísticas usadas para cada momento e comportamento social. São elas *marcadores conversacionais e fórmulas situacionais.*

Essas definições de níveis, posteriormente, auxiliarão na classificação dos tipos de EFs encontradas no trabalho.

## 2.6 Os nomes gerais

“A vagueza é muito útil do ponto de vista comunicativo. Ela permite que nos expressemos de maneira econômica e, paradoxalmente, exata, sem precisar decidir muitas coisas que seriam difíceis de decidir” (CHIERCHIA, 2003, p.65).

Conforme já explicitado, este trabalho se interessa pelas expressões fixas que tenham em sua constituição um nome geral. Para um melhor entendimento do tema, é necessário apresentar as diversas análises e conceituações que esses itens de escasso conteúdo semântico recebem de diferentes autores. Na literatura linguística, esses termos recebem denominações como *palavra coringa, palavra ônibus, falso nome contável, palavra camaleão, palavra funcional, palavra passe-partout, nomes nucleares de rótulos retrospectivos, termos ou nomes genéricos, substantivo-suporte e concha nominal*, os quais foram listados por Amaral e Ramos (2014).

Halliday e Hasan (1995 [1976]), sob as perspectivas coesiva e referencial, descrevem e citam alguns exemplos dos denominados *substantivos gerais (general nouns)*. Os autores destacam que esses itens foram muitas vezes negligenciados pelos estudos linguísticos, mas desempenham um papel importante na interação verbal. Os nomes gerais, segundo os autores, estão na fronteira entre o léxico e a gramática, visto que “um nome geral é, em si, um caso limite entre um item lexical (membro de um conjunto aberto) e um item gramatical (membro de um sistema fechado)” (HALLIDAY e HASAN, 1995 [1976], p. 274).

Para os supracitados autores, a classe dos nomes gerais seria formada por um pequeno conjunto de nomes que têm pouco conteúdo semântico dentro das principais classes nominais, tais como *human noun*, *place noun* e *fact noun* (cf. Quadro 2). Esse conceito é compartilhado pelo presente trabalho.

Quadro 1 – Lista de substantivos gerais do inglês – traço

TRAÇO	EXEMPLO
humano	<i>person, man, woman, child, boy, girl</i>
não-humano animado	<i>creature</i>
inanimado concreto	<i>thing, object</i>
inanimado concreto contínuo	<i>Stuff</i>
inanimado abstrato	<i>business, affair, matter</i>
ação	<i>move</i>
lugar	<i>place</i>
fato	<i>question, idea</i>

Fonte: Halliday e Hasan (1995 [1976]), p. 275.

Segue o exemplo citado pelos autores:

(1a) *Didn't everyone make it clear they expected the minister to resign?*

– *They did. But it seems to have made no impression on **the man**.*

(HALLIDAY e HASAN, 1995 [1976], p. 275).

(1b) Todos não deixaram claro que esperavam que o ministro renunciasse?

– Deixaram. Mas isso parece ter causado muito pouca impressão **no homem**<sup>12</sup>.

Neste caso, o elemento destacado, *homem*, possui uma importante função coesiva. Conforme Halliday e Hasan (1995 [1976], p. 275) explicam, “um nome genérico em função coesiva é quase sempre acompanhado pelo item referencial *o* (“the”). Este *o* é anafórico, e o resultado é que a estrutura inteira *o* + *nome genérico* funciona como um item de referência anafórica”.

<sup>12</sup> Tradução nossa.

Koch (2004), ao tratar de anáforas realizados por uma categoria de palavras com características típicas de nomes gerais, propõe duas hipóteses de fatores que parecem condicionar os nomes gerais. A primeira sugere que a sua seleção pode estar ligada à variedade regional ou social dos interlocutores e a segunda que o seu conteúdo discursivo apresenta conotações variadas (p. 250). A seleção do nome relacionada ao seu registro espacial é de suma importância à pesquisa, uma vez que, conseqüentemente, as expressões fixas formadas a partir desses nomes possuirão esse mesmo condicionamento.

Em seu trabalho, Oliveira (2006) equipara o substantivo genérico de Halliday e Hasan (1995 [1976]), aqui denominado *nome geral*, ao termo *substantivo-suporte*. A autora destaca que, em ambos, há, como característica fundamental, o grau de generalidade ou inespecificidade. Logo, os substantivos-suporte constituem uma classe não extensa de substantivos abstratos do português que se caracterizam por sua generalidade semântica.

Mahlberg (2003) compreende que, assim como Halliday & Hasan (1995 [1976]), do ponto de vista gramatical, a unidade formada pelo artigo definido e os nomes gerais são similares ao pronome. A autora, com base em pressupostos da Linguística de Corpus, propõe um estudo sobre os nomes gerais motivado pela reivindicação fundamental de que a língua é melhor descrita a partir de evidências de dados naturais (MAHLBERG, 2003, p. 13). Seu trabalho, utilizando noções mínimas para a caracterização dos nomes gerais<sup>13</sup>, observa a frequência de substantivos na língua inglesa que conduzem a duas suposições principais: (1) os nomes gerais são substantivos frequentes; e (2) os nomes gerais se caracterizam por sua função textual. A partir dessa análise, ela destaca três tipos de grupos de nomes gerais:

Quadro 2 – Lista de substantivos gerais do inglês – grupo

GRUPO	EXEMPLOS
time nouns	<i>time, times, year, years, day</i>
people nouns	<i>man, woman, men, women, people e family</i>
world nouns	<i>world, way, life, part, end, place, things, business, thing</i>

Fonte: A autora baseada em Mahlberg (2003)

<sup>13</sup> De acordo com esta noção, o estudo de *corpus* deve começar com apenas suposições mínimas sobre as características que descrevem os nomes gerais (Mahlberg, 2003, p. 35).

Entre os nomes gerais mais comuns citados em trabalhos sobre o português brasileiro, encontram-se palavras como *cara, coisa, indivíduo, homem, negócio, pessoa, trem, troço* (AMARAL e RAMOS, 2014; OLIVEIRA, 2006). Esses itens possuem matriz semântica pouco especificada, podendo ser inseridos no discurso em substituição a determinado segmento textual. É importante frisar que os nomes gerais são normalmente usados

quando o falante não consegue se lembrar imediatamente do vocábulo adequado, mas acredita que o ouvinte consiga depreender o seu significado e identificar o seu referente através do contexto e da paisagem mental que o ouvinte vai criando a partir dos elementos evocados (FULGÊNCIO, 1983, p. 25).

Halliday e Hasan (1995 [1976], p. 275) afirmam que os nomes gerais são “os membros superordenados de um grande conjunto lexical”. É possível, no entanto, reunir algumas propriedades desses itens. Amaral e Ramos (2014) listam três conjuntos: *estruturais, discursivas e outras funções*.

Quanto às suas propriedades, Amaral e Ramos (2014) frisam que os nomes gerais podem vir precedidos, ou não, por determinantes. Quando acompanhados, são geralmente referenciais e definidos, assemelhando-se aos substantivos comuns (HALLIDAY & HASAN, 1995 [1976]), logo, podem ser reiterados por pronomes. Nos exemplos (1b) e (1c), observa-se que o sintagma nominal que tem como núcleo o nome geral *homem* pode ser parafraseado por um pronome:

(1b)[...] Parece ter causado muito pouca impressão **no homem**.

(1c)[...] Parece ter causado muito pouca impressão **nele**<sup>14</sup>.

Outra importante propriedade dos nomes gerais é sua característica discursiva, que desempenha um papel coesivo importante na interação textual e verbal. Também assim o considera Francis (2003 [1994]), explicando que se trata de um grupo nominal capaz de conectar e organizar o discurso sempre com o estatuto de informação dada. No exemplo abaixo, retirado de Halliday e Hasan (1995 [1976], p. 275), é possível averiguar que o nome geral *coisa*, precedido do demonstrativo *essa*, tem como referente *toda esta louça*. Nesse caso, o interlocutor lança mão do nome geral para reiterar, sem prejuízo, uma informação expressa no discurso anterior, ou seja, com *status* dado.

(2) O que eu devo fazer com toda esta louça?

<sup>14</sup> Recorte dos exemplos (1a) e (1b), p. 26.

– Deixa essa *coisa* lá; alguém vai vir e colocá-la para fora.

Os nomes gerais também desempenham um papel importante como suporte para o falante no processo interacional. Dessa maneira, na interação verbal, ele pode se servir de um nome mais genérico com três finalidades: (i) não perder tempo procurando na memória um termo conveniente para se referir à entidade pensada por ele (FULGÊNCIO, 1983); (ii) como artifício para evitar que um referente de significado incômodo seja verbalizado, evitando, talvez, constrangimentos; e (iii) dar a possibilidade de afastamento e inespecificidade de forma intencional.

Relacionando as várias concepções acerca dessa classe, verificam-se diversos pontos para serem trabalhados sobre suas propriedades estruturais, discursivas e processuais. O trabalho selecionou os nomes gerais utilizando o preceito de separação de traços semânticos, de Halliday e Hasan (1995 [1976], p. 275) e o agrupamento por frequência de ocorrência, de Malhberg (2003). Por esse critério, que coincidem sobre os traços [+ humano], [+ inanimado] e [+ lugar], os itens selecionados são *homem, mulher, coisa, negócio e lugar*.

Uma vez que os trabalhos dos autores aludidos contemplam apenas a língua inglesa, o acréscimo de trabalhos nacionais é necessário para abranger maior número de expressões da língua portuguesa. Assim, com as obras de Amaral e Ramos (2014) e Oliveira (2006), adicionam-se entre os nomes gerais mais comuns do português brasileiro, palavras como *cara*<sup>15</sup>, *pessoa, trem e troço*. Esses itens lexicais possuem conteúdo semântico mínimo, podendo ser agrupados nos critérios acima. Evidencia-se, também, que “a palavra *coisa* pode ser considerada o nome geral mais prototípico (...) que mais oferece a possibilidade de ser usado para uma referência a entidade com diferentes traços” (AMARAL e RAMOS, 2004, p. 41).

Assim, por sua extensa flexibilidade de uso, os nomes gerais são muito comuns, tanto na língua escrita quanto na língua falada. Por possibilitarem referência generalizada, eles se tornam muito úteis e frequentes em expressões fixas. Amaral e Ramos (2014, p. 41) destacam que esses nomes “aparecem em várias locuções ou fraseologias na língua”. Os dicionários registram, por exemplo, com o item *coisa, coisa-à-toa, coisica de nada, não ser grande coisa*; com *negócio, negócio da China, negócio de pai para filho*; e com o item *pessoa*, por sua vez, *em pessoa, ser a segunda pessoa de*. Os autores, porém, destacam que há expressões que ainda não foram dicionarizadas, como *com coisa que, é o tipo da coisa e esse negócio de*.

---

<sup>15</sup> Cf. AMARAL e LOURENÇO, 2015.

Portanto, os nomes gerais são itens produtivos no processo de formação de expressões idiomáticas, sendo observadas cristalizações, até então, não dicionarizadas.

## 2.7 Variação lexical e variação diatópica

A abordagem teórica do léxico nesta pesquisa é feita com base na Sociolinguística, pois, conforme indica Tarallo (1986, p. 6), esse método se propõe a “analisar e aprender a sistematizar variantes linguísticas usadas por uma mesma comunidade de fala”.

Tradicionalmente, o modelo de análise sociolinguística laboviano, também denominado de “teoria da variação linguística” ou “sociolinguística quantitativa”, trabalha com tratamento estatístico dos dados coletados. Optou-se, porém, dentro desse modelo teórico-metodológico, pelo modelo léxico-variacionista por ser o mais adequado para o estudo das expressões fixas, dado que não se busca trabalhar com frequências, e sim com análises qualitativas.

Devido às características que favorecem a sua interpretação em conjunção com fatores sociais, o modelo variacionista teve início no plano fonético-fonológico (SERRANO, 2007, p. 102). Labov, em seus estudos sobre a variação fonológica do fenômeno de simplificação de grupos consonantais comuns no inglês afro-americano, ressalta que “as variações sociais e estilísticas pressupõem a opção de dizer ‘a mesma coisa’ de várias maneiras diferentes (LABOV, 2008 [1972], p. 271), ou seja, as variantes são idênticas em valor de verdade ou em referência, mas em oposição a sua importância social e/ou estilística.

Posteriormente, os métodos variacionistas foram estendidos ao plano sintático. Lavandera (1978, p. 174), ao analisar as variáveis pesquisadas por Sankoff (1973)<sup>16</sup>, considera duvidoso que, do estudo de variantes sintáticas, possam ser extraídas conclusões sociolinguísticas, visto que é necessário distinguir entre aquelas que são portadoras de um significado social ou estilístico daquelas que são apenas manifestações concretas de um determinado grupo social (LAVANDERA, 1978, p. 174). A autora, por fim, entende ser inadequado estender a outros níveis de análises a noção de variáveis sociolinguísticas tal como propôs Labov devido à falta de uma teoria articulada sobre o significado e sugere, considerando mais acertada, a noção de variantes como construções de mesmo valor funcional. Este também será o conceito adotado para a pesquisa ao atribuir a possibilidade de variação lexical nas EFs compostas por nomes gerais sem alteração do seu sentido ou função.

---

<sup>16</sup> Cf. SANKOFF, 1973.

Apesar de a variação linguística se apresentar em todos os níveis da língua, é no nível lexical que essas variações podem ser percebidas mais rapidamente. No entanto, pesquisas sobre variação léxica, se comparadas a outros níveis, ainda são escassas. O estudo desse nível é de fundamental importância, pois é também nele que as fronteiras do domínio do repertório linguístico da sociedade são ampliadas como um todo, além de caracterizar a variedade regional e sociocultural de qualquer língua. Por conseguinte, é nesse nível de análise da língua que pode haver “a construção, projeção e manutenção da maneira como os falantes concebem o mundo, no qual vivem, bem como a sua interação com todas as esferas da sociedade, adequando-se aos mais variados contextos das situações comunicativas” (PAIM, 2011, p. 144).

Moreno Fernández (2005, p. 33) destaca que, para abordar o estudo da variação léxica, é necessário demonstrar tais equivalências e encontrar essas variantes no discurso natural. Indo ao encontro do trabalho de Lavandera (1978), ainda segundo o autor

as unidades léxicas, como ocorre com determinadas construções sintáticas, podem se ver neutralizadas semanticamente no discurso, no uso comunicativo da língua. Isto não evita, no entanto, a dificuldade que supõe demonstrar que existe realmente uma neutralização, isto é, que duas ou mais variantes são manifestamente equivalentes. A demonstração se faz pouco menos impossível quando o uso de certa forma vem acompanhado de valorações ou conotações particulares ou quando o falante usa em sua seleção léxica critérios que podem passar inadvertidos aos ouvintes; falamos de intenções comunicativas, de considerações de estilo e de outros fatores, de certo modo, imprevisíveis<sup>17</sup> (MORENO FERNANDEZ, 2005, p. 32) (Tradução nossa)

O pesquisador também menciona os casos em que as unidades alternantes não são palavras, mas combinações fixas, denominadas unidades fraseológicas e remete a Penadés Martínez (1999). A autora citada por Moreno Fernández (2005, p. 34) reconhece ser possível, a partir dos significados definidos nos dicionários, estabelecer conjuntos de unidades fraseológicas a partir de uma relação de sinonímia. Penadés Martínez também identifica outras construções que, apesar de diferenças de tipo léxico, são variantes do mesmo fraseologismo, mesmo com uma identidade de significante parcial, ou seja, com igualdade parcial de formas, o que reforça ainda mais a associação que a própria identidade de significado estabelece entre elas.

---

<sup>17</sup> “Las unidades léxicas, como ocurre con determinadas construcciones sintáticas, pueden verse neutralizadas semánticamente en el discurso, en el uso comunicativo de la lengua. Esto no elude, sin embargo, la dificultad que se supone demostrar que existe realmente una neutralización, es decir, que dos o más variantes son manifestamente equivalentes. La demostración se hace poco menos que imposible cuando el uso de cierta forma viene acompañado de valoraciones o connotaciones particulares o cuando el hablante maneja en su selección léxica criterios que pueden pasar inadvertidos a los oyentes; hablamos de intenciones comunicativas, de consideraciones de estilo y de otros factores en cierto modo imprevisibles”.

Diferenças na nomeação para um mesmo fenômeno linguístico são perceptíveis e variam de acordo com as localidades. Quando um evento de variação é identificado, os questionamentos que se manifestam, de acordo com Moreno Fernández (2005, p. 33), são relacionados ao motivo e a sua origem. Em busca de respostas, os estudiosos recorrem à Dialetoлогия ou a Sociolinguística, pois é natural que existam fatores extralinguísticos associados à variação, como a variação geográfica e a variação estilística (comunicativa).

Geeraerts (2010, p. 823) acentua que “escolhas lexicais em um discurso podem ser determinadas por diferentes fatores”. No que se refere à variação diatópica, de acordo com Coseriu (1980), ela está associada às diversidades relacionadas à distribuição espacial, que podem ser observadas entre falantes de regiões geográficas diferentes e aos diferentes usos da língua por pessoas de localidades diversas.

Isquerdo (2007, p. 533) leva em consideração que o léxico é um aspecto diferenciador no que se refere à variação linguística, sobretudo, a geográfica, pois, além de evidenciar diferenças de uma região para outra, demonstra também a consequente mobilidade dessas diferenças de um espaço para outro. Logo, devido à dinamicidade da língua, assinalar as particularidades lexicais de áreas geográficas é uma tarefa árdua.

É fácil constatar que há diferenças entre o português falado em todo o território nacional. Existem poucos estudos que propõem divisões dos falares do Brasil, e, em um deles, feito por Nascentes (1953), a pronúncia das vogais pretônicas, como por exemplo, *m<sup>o</sup>derno*, *moderno* ou *muderno*<sup>18</sup>, é utilizada como base para tais divisões.

---

<sup>18</sup> Não está sendo utilizada aqui a transcrição fonética de total acordo com o IPA, pois não é o intuito deste trabalho discutir a fundo as características fonético-fonológicas das palavras em questão.

Figura 1: Divisão dialetal de Nascentes (1953)



Fonte: Nascentes (1953)

Nascentes<sup>19</sup> (1953) estabelece uma divisão de sete falares - o *amazônico*, o *indefinido*, o *nordestino*, o *baiano*, o *mineiro*, o *fluminense* e o *sulista* – dos quais o trabalho abarca quatro, como será visto posteriormente no capítulo 4.

Isto posto, a averiguação das variedades morfológicas e os locais de ocorrência das EFs que possuem em sua composição um nome geral são propósitos do trabalho por delinear particularidades socioculturais. A realização deste trabalho também vem a contribuir para o objetivo mais amplo, no que tange à língua portuguesa, em descrever a realidade linguística do Brasil, com enfoque prioritário na identificação das diferenças lexicais e diatópicas (morfossintáticas e léxico-semânticas) na perspectiva da Sociolinguística.

<sup>19</sup> Estudos mais recentes confirmam que a divisão de falares proposta por Nascentes (1953) se mantém. (Cf. ARAGÃO, 2015).

### 3 METODOLOGIA

A presente pesquisa se dedica à análise das expressões fixas que incluem em sua composição um nome geral. Além disso, foca na variação lexical e diatópica que as EFs podem apresentar. Para tanto, fez-se a seleção dos nomes gerais *coisa*, *negócio*, *trem* e *troço* com traços [+ inanimado]; *pessoa*, *homem*, *mulher* e *cara*, que possuem traços [+ humano]; e *lugar*, [+ lugar], a partir dos trabalhos de Mahlberg (2003), Halliday e Hasan (1995 [1976]), Amaral e Ramos (2014) e Oliveira (2006).

Após feita a seleção dos nomes gerais com base nos critérios citados na subseção 2.6, parte-se para a composição da amostra de análise, constituída a partir de dados extraídos de dicionários da língua portuguesa. A escolha pelas obras lexicográficas está relacionada à questão da inserção das expressões em coletâneas devido ao seu alto grau de fixidez e uso pela comunidade de fala, pois, conforme atesta Biderman (2001), os dicionários são grandes depositários dos hábitos gráficos de uma língua. Optou-se em utilizar-se, então, o *Dicionário Aulete Digital*, o *Dicionário Aurélio da língua portuguesa* (2010) e o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2009), que são obras gerais com versões recentes e contêm extenso acervo do português brasileiro contemporâneo; e o *Dicionário de locuções da língua portuguesa* (2011), que é uma compilação específica de locuções e expressões da língua portuguesa, para complementação. Conforme os seus autores assinalam, a compilação tem o objetivo de preencher uma coluna nas referências do português no Brasil sem a pretensão de esgotar o assunto, uma vez que são criadas novas expressões a cada dia (ROCHA; ROCHA, 2011, p. 10). Esta última obra lexicográfica apresentou um número muito maior de expressões formadas pelo nome geral *coisa* (58), se comparada às primeiras (25).

Agrupando as expressões, conforme respectivo nome geral, foram encontrados os seguintes números de ocorrência:

Quadro 3 – Número de EFs constituídas a partir de um nome geral nos dicionários selecionados

NOME GERAL	Nº DE EFs
coisa	83
homem	66
mulher	58
pessoa	35
lugar	34
negócio	19
trem	5
troço	1
cara	0
<b>TOTAL</b>	<b>301</b>

Fonte: A autora

Como pode-se verificar no Quadro 3, há um número mais equilibrado entre as EFs formadas com *homem*, *mulher* e *pessoa*, traço [+humano]. Entre as que possuem traço [+inanimado] é superior a quantidade de expressões constituídas pelo nome *coisa*, seguida por *negócio*, *trem*, e *troço*. Com o traço [+lugar] constatam-se 34 expressões com o item *lugar*. Em todos os dicionários, o nome *cara* surge em EFs que remetem ao seu sentido primeiro, “*face*”, não sendo, portanto, considerado membro da pequena classe à qual o trabalho se refere. Todas as expressões dicionarizadas estão contidas no Apêndice 1.

A pesquisa, entretanto, não pode se deter somente sobre a ponderação das obras supracitadas, uma vez que, “via de regra, a tradição escrita prima por ser conservadora” (BIDERMAN, 2001, p. 175). Isso impede um dos objetivos da pesquisa, que é também analisar expressões não dicionarizadas, conseqüentemente, EFs de uso mais recente, quicá desprestigiadas. Outro problema que deve ser considerado é que, por melhor que seja qualquer dicionário, ele é sempre incompleto, pois há uma extrema dificuldade em elencar todas as variantes possíveis de uma EF, não sendo possível sua atualização de forma proporcional ao surgimento de novas unidades lexicais e nem todos apresentam rubricas que identificam regionalismos. Assim, o trabalho também se volta para a verificação de ocorrências em transcrições de diversos projetos de diferentes regiões do país com o objetivo de coletar e apresentar dados que apontem usos não dicionarizados e diferenças de acordo com a variação lexical e diatópica que pode aparecer.

O trabalho se restringe à análise de regiões onde é possível fácil acesso devido à disponibilidade de *corpus online* e o envio de transcrições, via email, pela organização dos projetos. Assim, os dados selecionados para a constituição do *corpus* desta pesquisa são: (1)

Projeto *O uso de nomes gerais nos falares mineiros*, vinculado ao Núcleo de Pesquisa em Variação Linguística (NUPEVAR), sediado na FALE-UFMG, com dados coletados entre os anos de 2011 e 2015 com transcrições das localidades mineiras de Bambuí (BMB), Belo Horizonte (BHZ), Caeté (CTE), Montes Claros (MOC), Nova Lima (NLM), Ouro Preto (OPR), Ponte Nova (PNV), Santa Luzia (SLZ), Sericita (SRC) e Sete Lagoas (SLG); (2) Projeto *Português Oral Culto de Fortaleza* (PORCUFORT), desenvolvido pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), com dados coletados entre os anos de 1993 a 1995 em Fortaleza (FRT); (3) *Grupo Discurso & Gramática* (D&G), que trabalha com pesquisas na área de linguística funcional, com especial atenção para os processos de mudança linguística e gramaticalização, que coletou seu *corpus* em Juiz de Fora (JZF), Natal (NTL), Niterói (NTR), Rio de Janeiro (RJD) e Rio Grande (RGD); e (4) Projeto da *Norma Urbana Oral Culta* (NURC), constituído de um acervo disponível *on-line*, com entrevistas gravadas nas décadas de 70 e 90 do século XX, com informantes com nível superior completo, nascidos no Rio de Janeiro e filhos de pais preferencialmente cariocas, coletadas no Rio de Janeiro (RJN). Abaixo, são apresentados os números de transcrições e de palavras utilizadas de cada projeto:

Quadro 4 – Número de transcrições e de palavras dos *corpora*

PROJETO	LOCAL	NÚMERO TRANSC.	NÚMERO PALAVRAS
O uso de nomes gerais nos falares mineiros	BMB	03	5.245
	BHZ	22	82.649
	CTE	26	177.473
	MOC	06	30.842
	NLM	01	2.739
	OPR	03	9.227
	PNV	05	31.958
	SLZ	10	40.043
	SRC	03	6.148
	SLG	07	32.678
PORCUFORT	FRT	48	415.171
Discurso & Gramática	JZF	20	39.799
	NTL	20	132.909
	NTR	20	26.767
	RJD	93	104.234
	RGD	19	22.873
NURC	RJN	105	683.759
<b>TOTAL</b>		411	1.585.357

Fonte: A autora.

O número total de transcrições selecionadas, consoante o Quadro 4, é de 411. Destaca-se que o Projeto Nomes Gerais nos Falares Mineiros é composto de 86 entrevistas, o PORCUFORT de 48, o Discurso e Gramática de 172 e o NURC de 105. No que diz respeito ao número de palavras<sup>20</sup>, o total é de 1.585.357, com o 419.022 referente ao Projeto Nomes Gerais, 415.171 do PORCUFORT, 326.582 do Discurso e Gramática e 683.759 do NURC.

Para padronizar o *corpus*, optou-se por utilizar as transcrições a partir do início do texto, excluindo-se o cabeçalho, englobando a contagem das palavras do entrevistador. Não se busca uma paridade no número de transcrições para cada cidade, uma vez que o foco da pesquisa não é estabelecer frequências. Além disso, conforme exposto anteriormente, as ocorrências lexicais ocorrem em menor número se comparadas às fonéticas, assim, quanto maior o número de transcrições, maior a possibilidade de o trabalho colher mais EFs não dicionarizadas.

O trabalho contempla quatro dos sete falares atestados por Nascentes (1953), o *mineiro*, que inclui as cidades de Bambuí, Belo Horizonte, Caeté, Montes Claros, Nova Lima, Ouro Preto, Ponte Nova, Santa Luzia, Sericita e Sete Lagoas; o *fluminense*, com as cidade de Niterói, Rio de Janeiro e Juiz Fora, que, embora se localize em Minas Gerais, devido à sua proximidade com o estado do Rio de Janeiro, detém características do falar fluminense; o *nordestino*, que contempla as cidades de Natal e Fortaleza; e o *sulista*, que engloba a cidade de Rio Grande, pertencente ao estado do Rio Grande do Sul. O agrupamento das transcrições de acordo com a divisão proposta por Nascentes (1953) é de interesse para o trabalho, uma vez que permite maior sistematização para o processo de análise. Tal padrão metodológico permite, também, observar e averiguar a localização regional das transcrições, dado que tais referências constituem uma fonte de informação de regionalismos.

Dando continuidade, as transcrições de cada projeto foram agrupadas em arquivos únicos no formato txt para, posteriormente, passarem por processo de busca no software AntConc 3.4.3w. Este procedimento consistiu em verificar o número de ocorrências de cada nome geral selecionado e as palavras que coocorrem junto a ele de modo que possam ser observadas formas cristalizadas ou convencionalizadas.

As análises iniciam-se com a verificação de quantas e quais EFs que têm em sua composição um dos nomes gerais selecionados aparecem nos dados orais. Concomitantemente, é feita uma busca por possíveis EFs não dicionarizadas. Somente as

---

<sup>20</sup> As transcrições foram convertidas em formato txt e inseridas no software AntConc 3.4.3 w para contagem do número de palavras.

construções encontradas nas transcrições, dicionarizadas ou não, serão analisadas em razão de ser uma pesquisa empírica.

Por se tratar de um trabalho qualitativo, não é estabelecido um número mínimo de ocorrências de uma construção. Logo, ainda que nos dados orais sejam apresentadas estruturas com apenas um caso, elas serão consideradas. O que justifica esse critério é que, no processo de leitura e coleta dos dados, é feita uma análise semântico-lexical considerada fundamental para que as construções unitárias recebam a devida atenção quanto ao seu sentido e função dentro das orações. Outra razão é que o número de ocorrências lexicais é menos frequente se comparado às fonéticas/fonológicas, como já informado anteriormente, o que torna inviável o descarte de raras coletas. Por último, os testes auxiliares, aos quais as estruturas serão submetidas na seção seguinte, poderão indicar o caráter fixo das construções.

São aplicados os testes auxiliares para detecção de EFs (FULGÊNCIO, 2008) nas estruturas encontradas com objetivo de identificar traços que permitam classificar o grupo léxico como uma expressão fixa e rotular as EFs encontradas de acordo com a classificação proposta por Tagnin (2013). Durante o processo de classificação das expressões, quando a conceituação das EFs pela autora não se mostra suficiente para enquadrar a expressão dentro dos tipos listados, são propostos novos conceitos de forma a contribuir para os estudos das expressões.

Em concordância com os objetivos do trabalho, é feita uma discussão acerca da variação lexical nas EFs devido à particularidade da classe dos nomes gerais, que autoriza a permuta entre itens sem causar quebra de sentido e/ou função. Por fim, outro ponto a ser analisado será a relação das expressões e suas localidades de ocorrência, observando se há diferenças diatópicas no uso dessas estruturas cristalizadas.

## 4 ANÁLISE E DESCRIÇÃO DE DADOS

### 4.1 Seleção das construções encontradas no *corpus*

As EFs encontradas nos dicionários são listadas no Apêndice 1. São, ao todo, 301 expressões, assim divididas: 83 com o nome geral *coisa*; dezenove com *negócio*; cinco com *trem*; e uma com *troço*, todos com traços [inanimado]; 35 com *pessoa*, 66 com *homem* e 58 *mulher*, todos com o traço [humano]; não verificou-se casos com o nome geral *cara*; por último, com o nome geral *lugar*, possuidor do traço [lugar], com 34.

Algumas expressões contidas no *Dicionário de locuções e expressões da língua portuguesa* (2011) foram excluídas da lista abaixo por terem o nome objeto de estudo entre parênteses, pois, segundo os autores “são (...) palavra(s) alternativa(s), *i.e.* que pode(m) substituir ou complementar a(s) imediatamente anterior(es), sem alteração da acepção” (ROCHA, 2011, p. 15). Logo, expressões como dizer *adeus a (uma pessoa ou coisa)* e *acreditar (em determinada coisa) piamente* são excluídas por não serem consideradas essenciais à construção.

Do número total de EFs contidas nos dicionários, somente aparecem no *corpus* as listadas no Quadro 5. Nele também constam os grupos cristalizados encontrados nas transcrições e que também passarão pelos testes na seção subsequente. Algumas das estruturas não dicionarizadas relacionadas possuem variantes morfológicas<sup>21</sup> que serão discutidas no último capítulo.

Quadro 5 – Expressões encontradas nos dados orais

DICIONARIZADAS		NÃO DICIONARIZADAS		
EXPRESSÕES	QTDE	EXPRESSÕES	QTDE	
<b>Coisa</b>	mesma coisa	210	aquela coisa toda	80
	um monte de coisas	58	esse tipo de coisa	42
	coisa nenhuma	37	essa coisa de	27
	uma coisa	15	coisa e tal	26
	coisa de	11	coisa desse tipo	16
	alguma coisa	9	é o tipo da coisa	9
	estado de coisas	7	é a tal coisa	8
	não ser grande coisa	7	que coisa	4
	ou coisa que o valha	6	agora, é, outra coisa	1

<sup>21</sup> Por agora, informa-se que as estruturas estão representadas por aquelas que obtiveram maior número de ocorrências. Quando em número igual, o critério adotado foi se a expressão está, ou não, dicionarizada e o alfabético.

	uma coisa ou outra	6	você vê uma coisa	1
	coisa alguma	4	com coisa que	1
	dizer alguma coisa	4		
	coisa julgada	2		
	coisas da vida	2		
	coisas do arco-da-velha	2		
	é tudo uma coisa só	2		
	nem uma coisa nem outra	2		
	qualquer coisa	2		
	coisa de cinema	1		
	coisa de criança	1		
	coisa de louco	1		
	coisa pública	1		
	coisinha à toa	1		
	saber das coisas	1		
	uma coisa leva a outra	1		
<b>Negócio</b>	_____	_____	esse negócio de	93
			aquele negócio todo	40
			é aquele negócio	6
			é o tal negócio	6
			o negócio é o seguinte	6
			negócio de louco	2
			negócio desse tipo	2
			dar um negócio	1
<b>Trem</b>	_____	_____	esse trem de	2
			esse trem todo	1
<b>Troço</b>	um troço	3	_____	_____
<b>Pessoa</b>	pessoa dada	1	a sua pessoa	1
	pessoa de bem	1		
<b>Homem</b>	homem de ferro	1	homem do campo	14
	os homens	1	homem branco	5
<b>Mulher</b>	mulher da vida	1	mulher barriguda	1
	mulher perdida	1	mulher fácil	1
<b>Cara</b>	_____	_____	ser o cara	1
<b>Lugar</b>	em primeiro lugar	20	não ir a lugar nenhum	3
	em lugar de	5		
	ter seu lugar	3		
	colocar-se no lugar de	1		
	dar lugar	1		
	dar lugar a	1		
	lugar-comum	1		
	um lugar ao sol	1		
<b>TOTAL GERAL</b>		435	<b>TOTAL GERAL</b>	395

Fonte: A autora.

Observa-se, de forma mais detalhada, no Quadro 5, que as construções dicionarizadas com o item *coisa* foram de 25 tipos e não dicionarizadas de 11 tipos, sendo as de maior número se comparadas a *negócio*, *trem* e *troço*, possuidores de traço [-animado]. Essa

superioridade já era esperada, uma vez que o nome *coisa* pode ser considerado o mais prototípico da classe dos nomes gerais, conforme já demonstrado por outros trabalhos (AMARAL e RAMOS, 2014; KLEIBER, 1987). Esse resultado permite à pesquisa já observar que, em termos de prototipicidade característica da classe, a frequência dos nomes gerais está relacionada à sua produtividade na formação de EFs.

Desse modo, os testes auxiliares de Fulgêncio (2008) são aplicados em todos os grupos lexicais nos procedimentos que se seguem. Sublinha-se que, das obras lexicográficas, serão analisadas somente as construções manifestadas nos dados orais.

#### 4.2 Aplicação de testes auxiliares e classificação

Para verificar se as construções encontradas nas transcrições se encaixam na definição de EF, os testes de Fulgêncio (2008) foram aplicados em todas as expressões contidas no Quadro 5. O objetivo de aplicar os testes nas expressões já inseridas nas obras lexicográficas, assim como nas encontradas nos dados, é, basicamente, examinar se as estruturas realmente podem ser identificadas como unidades cristalizadas e incluídas na classe das expressões fixas.

Dando início às análises, o teste 1, de independência dos componentes da expressão, consiste em examinar se algum item da sequência não é totalmente livre. Foi constatado que, por exemplo em (3), a maior parte dos componentes das construções, se usados de forma independente da expressão, apresentam significado diferente.

- (3) “impressionante a capacidade que o *homem branco* tem de destruir a natureza”  
(RJN - 135)

Embora os componentes destacados da estrutura sejam livres, nota-se que fora da construção apresentam sentido específico não relacionado com formado pelo agrupamento das palavras *homem + branco*, que em (3) é ‘colonizador’. Outro exemplo é a expressão dicionarizada *coisa de*:

- (4) “Há *coisa de* uns três meses, não, porque eu dava aula sábado o dia inteiro” (RJN - 104)

Constata-se em (4) que há modificação do sentido dos elementos constituintes das expressões quando são fragmentados, visto que como grupo idiomático pode ser concebido ‘aproximadamente; mais ou menos; cerca de’. Logo, o teste indica que os elementos que compõem tanto as unidades lexicais (3) quanto às gramaticais (4) tendem a não funcionar, com o mesmo significado ou função, de forma independente, confirmando a idiomaticidade das expressões selecionadas.

O teste 2, da referência, mostrou que, na maioria das expressões, não são observados elementos cuja menção remeta a um referente dentro do contexto do enunciado ou que possibilite estabelecer uma relação lógica externa para se chegar ao sentido do agrupamento.

(5) “Mas você ficar criticando você *não vai a lugar ... a lu/ a lugar nenhum ...* pelo contrário” (NTL 07 - ROS)

No exemplo (5), não é possível alçar o conceito real da estrutura através dos seus componentes, logo não é literal. O informante não quer passar a ideia de ‘mudança de lugar’ ou ‘movimento’, mas de ‘uma situação que não se modifica ou não se resolve se permanecer como está’. Há raras construções encontradas que podem ser consideradas literais. Um exemplo é a expressão dicionarizada *pessoa de bem* (6):

(6) “por isso mesmo eles não vão investir numa classe ... tem que ser uma *pessoa muito de bem* ... muito esclarecida” (NTL 05 - GER)

A construção (6), além de permitir a inserção do intensificador sublinhado, apresenta maior nitidez no sentido do conjunto, pois se aproxima do significado do advérbio de modo *bem*<sup>22</sup>. Essa estrutura não é considerada como um membro prototípico da classe das EFs. No entanto, é importante considerar que ela apresenta expressões com um maior ou menor grau de opacidade e que, ainda assim, podem ser consideradas unidades lexicais por serem memorizadas como grupos. Portanto, neste teste, devido à maior parte das estruturas não poderem ser interpretadas por meio da combinação dos seus constituintes, é permitido concebê-las como EFs.

Parte-se para o teste 3, de substituição anafórica pronominal. Ele certifica que as construções, dicionarizadas ou não, tendem a não permitir a troca de um dos seus

---

<sup>22</sup> No teste de recorte será discutida a permanência, ou não, do nome geral para a expressão.

constituintes por um pronome sem tornar a construção agramatical ou interferir a sua coesão, o que realça a não composicionalidade das estruturas.

(7a) “na Amazônia tinha muita água mas num tinha terra fértil... até porque tinha água demais a terra empobrece... lavou a terra... o Nordeste ***nem uma coisa nem outra***... tinha algumas mancha de aluvião...nos baixos vales” (FRT - 10)

(7b) \*A terra nordestina não tem ***nem isso nem outra***.

(7c) A terra nordestina não tem ***isso***.

Consoante o que é explanado por Fulgêncio (2008), somente é praticável a substituição anafórica com o pronome suporte *isso* sem modificar o sentido da oração. Os exemplos (7b) e (7c) reforçam a unidade do grupo, visto que não é possível a substituição pronominal somente de partes da EF sem alterar o seu significado. Por conseguinte, somente a construção completa pode ser substituída por uma anáfora.

Em grande parte das construções coletadas nos dicionários e no *corpus*, o teste 4, de sinonímia e possibilidade de substituição paradigmática, é exequível. As expressões (8), dicionarizada, e (9), somente encontrada nos dados orais, por exemplo, apesar da variação do nome geral, apresentam o mesmo sentido de ‘algo que acontece de forma inusitada, estranha’.

(8) “Mas infelizmente o excesso de trabalho, mas é uma ***coisa de louco***” (RJN 145)

(9) “Saía água pelos boeiros, assim um ***negócio de louco***” (RJN 322)

Destaca-se que as expressões que apresentaram maior rigidez estrutural foram aquelas especialmente mais próximas de termos técnico-científicos, como o exemplo (10):

(10) “na execução provisória... não há necessidade de existir ***coisa julgada***” (RJN 341)

Entende-se, portanto, que são admissíveis permutas sem quebra do sentido entre os nomes gerais nas estruturas analisadas quando possuem traços semânticos próximos, como em (8) e (9), mas não quando a estrutura é mais rígida devido ao seu sentido ou função, como em (10).

A grande dificuldade do teste 5, antônimos (positivo/negativo), é estipular termos opostos para os componentes das estruturas. Naquelas em que foi possível estabelecer um

antônimo, o sentido identificado não é o oposto ao formado pela estrutura. A expressão dicionarizada (11) exemplifica tal fato:

- (11) “A gente não podia nem cumprimentar. Eram as *mulheres perdidas*, da vida”.  
(RJN 210)

O grupo lexical destacado tem a acepção de ‘meretriz’. A alteração do adjetivo *perdidas* por *encontradas* não forma uma expressão com sentido oposto. Há, porém, casos em que a exclusão do advérbio de negação da estrutura também não cria um sentido oposto. É a situação de (12), em que o sentido de ‘não ter futuro ou boas perspectivas’ se mantém em ambas as estruturas:

- (12) “mas na verdade elas não ... *num levam* ... *né* ... *num vão a lugar nenhum* ... as seitas elas são ... elas enganam muito” (NTL 08 - SOL)

Assim, por não permitirem a substituição de elementos internos para compor uma construção de sentido oposto ao original, como é admitido em sintagmas livres, evidencia-se mais uma característica que autoriza a inclusão de tais estruturas na classe das EFs.

No que concerne ao teste 6, de interrupção (hesitação e inserção), é possível evidenciar por meio dos dados orais que a hesitação não é comum e não atrapalhou a rigidez da construção. Nota-se em (13) que, na estrutura que exerce uma função de coesão para a oração, o informante, possivelmente, realiza uma alteração na concordância do artigo que faz parte da estrutura. Esse tipo de indecisão não foi registrada para as estruturas possuidoras de sentido, tais como *negócio de louco*, *homem branco*, *mulher barriguda*, entre outras.

- (13) “não é tão bem conhecido então é um bom filme, enfim, é *o tal negócio*” (RJR - 85)

Quanto à possibilidade de inserção de elementos ao grupo, Fulgêncio (2008) ressalta que os intensificadores e os quantificadores são os itens mais aceitos. Observa-se nos dados (14) e (15) que algumas construções são menos rígidas e, por isso, é possível a adição de determinantes e indefinidos sem a quebra da idiomaticidade do bloco, o que reforça o caráter do seu armazenamento em bloco.

- (14) “a parte técnica... aí... *é aquele tal negócio*... ah “Perdigão lá da segurança lá”...”  
(CTE 12 - RAI)
- (15) que nós temos um bom caranguejo e uma boa água de coco... só isso isso *num leva ninguém a lugar nenhum*... por que que as pessoas vão tanto pra PARIS?  
(FORT - 28)

Portanto, o teste 6 mostra-se parcialmente útil para verificar que se trata de expressões fixas. Assim, nos grupos idiomáticos sucedidos nos dados orais, não se constata elevada possibilidade de hesitação e a adição de elementos fica restrita a determinantes e indefinidos.<sup>23</sup>

O sétimo teste é o de língua estrangeira. Ele dá indicação de que um grupo é uma EF quando, em um contexto de tradução literal dos componentes do conjunto para outro idioma, não se obtém o mesmo significado da língua originária. *A priori*, nota-se que alguns nomes gerais não possuem a mesma acepção em outra língua, neste caso, será tomado como base a língua inglesa. Dos que contam com traços [+ inanimado], *negócio* e *trem* (respectivamente, *business* e *train*, em inglês), não possuem acepção de “qualquer objeto, fato ou acontecimento cujo nome não se sabe ou não se quer mencionar”. Logo, ao se fazer a conversão da estrutura, por exemplo, *um negócio* para *\*a business*, não é construída a mesma ideia. Os itens *coisa* e *troço*, por apresentarem semelhantes comportamentos (em inglês, *thing* e *stuff*), podem ser traduzidos de forma similar, como pode ser averiguado em (16) abaixo:

- (16) “servem para regular volume e luminosidade, contraste e horizontal, vertical, *coisas desse tipo*”. (RJN 45)

A tradução literal somada à adaptação do grupo às regras da língua da tradução (*things like that* = coisas como isso) constroem a mesma função de delimitar o contexto anterior da oração. No entanto, quando essa conversão é feita com as expressões encontradas que contêm os nomes gerais com traço [+ humano], tendem a não produzir o mesmo sentido original, como em (17). A construção destacada transmite a ideia de ‘trabalhador rural’, significado, em inglês, transmitido somente pela palavra *farmer*.

- (17) “não eXISTe praticamente... o:.... o *HOMem do campo*... do interior de Minas... do interior de Pernambuco” (FRT - 37)

<sup>23</sup> Intensificadores também são passíveis de inserção em outras estruturas contidas no Quadro 5.

Uma das características das expressões fixas é receberem sentidos convencionados socialmente. O caso acima é um exemplo que, de um idioma para o outro, há divergência no que concerne ao seu significado. Assim, como há uma predominância da não admissão da tradução literal quando convertida em outra língua, tem-se uma indicação de que as construções listadas são expressões fixas.

Foi explicado anteriormente que o grau de rigidez das expressões fixas pode variar. Há expressões que apresentam maior ou menor flexibilidade das suas estruturas. Quando se aplica o teste 8, de invariabilidade de ordem e irreversibilidade, verifica-se que a maior parte das construções não admite variação de ordem dos elementos que compõem o grupo idiomático sem que isso modifique seu sentido, ainda que as regras da língua permitam. No exemplo (18a), *alguma coisa* transmite a noção de ‘um pouco’. Quando é feita a alteração na ordem dos componentes da estrutura, não é mantida a mesma ideia, dado que é interpretada como ‘nada’ em (18b).

(18a) “tô uma pessoa que sabe falar uma língua estranGEI::ra... aprenda *alguma coisa* de inglês”. (FRT - 47)

(18b) \*tô uma pessoa que sabe falar uma língua estranGEI::ra... aprenda *coisa alguma* de inglês”.

Em (19a) abaixo, a expressão perde o seu sentido de ‘(alguém) ter um momento de indecisão, de perturbação que o coloca em situação de comportamento anormal’.

(19a) “morrendo de medo... aí... eh... me *deu um negócio*... porque... não dava pra eu correr...” (JZF 14 - EDU)

(19b) \*morrendo de medo...aí... eh... *um negócio* me *deu*... porque...não dava pra eu correr.

O comportamento desses exemplos é recorrente nas demais estruturas listadas no Quadro 5 e demonstram que a impossibilidade de mudança de ordem dos elementos constituintes da oração sem alterar o sentido é mais um indício de que se trata de expressões fixas.

O próximo teste, 9, é o do recorte. É interessante notar que há elementos que podem, pelas regras gramaticais, ser retirados das construções, mas que, no entanto, são essenciais à

estrutura devido à perda da característica coesiva da construção em (20), como pode ser visto abaixo:

(20) "Então uma noite nós fomos ao chiqueiro que fica perto desta fazenda e escureceu muito rapidamente porque estava ameaçando chuva. Então *o negócio era o seguinte*: nós não vamos passar perto da casa velha." (RJN - 84)

A extração do item *negócio* na construção (20) interfere na relação estabelecida com o contexto anterior à expressão, isto é, a estrutura sem o nome geral não carrega a carga referencial informativa do período que a precede e atrapalha a coesão final do período. Logo, apesar de, muitas vezes, permitida pelas regras gramaticais, a retirada de um item das estruturas listadas acarreta perda do sentido e função das construções. No entanto, alguns casos chamam a atenção. Foram encontradas expressões dicionarizadas que, por meio deste exame, ao ter retirado um dos seus elementos não sofreram alteração no sentido. Isso pode ser exemplificado em (21):

(21) "E chega um pedido, um, um único consumidor pedindo vinte por mês. É *um troço*. Não tem condição, muito difícil". (RJN 113)

Os dicionários, além de incluírem a acepção de 'qualidade positiva', tanto para *um troço* quanto para *troço*, também os definem como 'algo ruim' ou 'coisa imprestável', sendo equivalentes semanticamente a *uma coisa*. O primeiro uso não foi identificado nos dados, somente aqueles de natureza negativa. Isto pode ser um indício de que o uso do item *troço* para predicar algo positivamente está em desuso. O ponto relevante neste caso é que o indefinido não parece formar uma construção com o nome geral, uma vez que somente a unidade *troço* contém toda a carga semântica. O elemento *um* cumpre então a função típica de indefinido.

Com exceção de poucas construções, houve, portanto, o predomínio das estruturas que não autorizaram a retirada de um dos seus componentes reforçando a cristalização dos grupos idiomáticos, o que é mais um indicativo de que são EFs.

Apesar das estruturas verbais do português admitirem mudanças e transformações que geram estruturas correspondentes, o comportamento idiossincrático das construções elencadas no Quadro 5 não reconhece tais padrões gramaticais da língua escrita. Consequentemente, em construções como em (22a) e (23a), o teste 10, relativo à possibilidade de clivagem,

passivização, topicalização, relativização e nominalização, revelou que a maioria grupos cristalizados não aceita modificações estruturais.

(22a) “Tudo... **uma coisa leva a outra** da forma que você age aqui, haverá um futuro relacionado aque... como voce agiu no presente”. (SLZ 06 - JOA)

(22b) \*Tudo... **a outra, uma coisa leva** da forma que você age aqui, haverá um futuro relacionado aque... como você agiu no presente. (topicalização)

(22c) \*Tudo... **é levada uma coisa a outra** da forma que você age aqui, haverá um futuro relacionado aque... como você agiu no presente. (passivização)

(23a) “aí... eh... me **deu um negócio...**” (JZF 14 - EDU)

(23b) \*aí... eh... **um negócio** me **deu** (topicalização)

(23c) \*aí... eh... me foi **dado um negócio** (passivização)

Com os exemplos acima, percebe-se que, também do ponto de vista sintático, as expressões têm um comportamento idiossincrático e não seguem os padrões gramaticais da língua. Os testes relativos à possibilidade de clivagem, passivização, topicalização, relativização e nominalização auxiliam em revelar que os grupos cristalizados listados, em sua grande maioria, não aceitam modificações estruturais.

Como foi possível notar, os testes aqui utilizados foram ferramentas para auxiliar no reconhecimento dos traços característicos das expressões fixas. Eles permitiram confirmar que todas as estruturas selecionadas nos dados, no mínimo em quatro testes, se comportam semântica e sintaticamente como unidades cristalizadas que constituem uma unidade de sentido, isto é, expressões fixas. Foram analisadas ao todo 36 estruturas com o nome geral *coisa*, nove com *lugar*, oito com *negócio*, quatro com *mulher*, quatro com *homem*, três com *pessoa*, duas com *trem*, uma com *troço* e também uma com *cara*, totalizando 68 construções.

As análises permitiram observar que o membro mais prototípico da classe, o item *coisa*, foi também o mais produtivo em relação aos outros nomes com traço semântico [+inanimado]. No Quadro 6, nota-se que, se somadas as expressões dicionarizadas e não dicionarizadas com este nome geral, são 94 tipos de EFs, mais do triplo do número total das formadas com o nome *negócio*, 27. Acerca das expressões como o traço [+humano], o nome geral que obteve maior número de construções foi *homem*, com 68 tipos; seguido por *mulher*, com sessenta; *pessoa*, 36; e, por último, *cara*, com apenas uma expressão. Do o nome geral *lugar* somam-se, ao todo, 38.

Quadro 6 – Número total de tipos de EFs dicionarizadas e não dicionarizadas por nome geral

NOME GERAL	DICIONARIZADA	NÃO DICIONARIZADA	TOTAL
coisa	83	11	94
negócio	19	8	27
trem	5	2	7
troço	1	---	1
homem	66	2	68
mulher	58	2	60
pessoa	35	1	36
cara	---	1	1
lugar	34	1	35

Fonte: A autora.

É preciso salientar que a propriedade mais evidente dos nomes gerais, conforme já relatado nos capítulos anteriores, é atuarem como elemento coesivo. Uma das características das EFs é a sua não composicionalidade, o que anularia, de alguma forma, a possibilidade de interpretação do sentido da estrutura a partir dos seus constituintes. O que foi percebido ao lidar com as expressões encontradas é que algumas possuem maior ou menor grau de opacidade, permitindo a detecção da interferência do nome geral no conjunto, como também observar que um considerável número de estruturas, associadas a outros elementos, funcionam como iniciadores ou finalizadores de turno, formando elos entre unidades comunicativas.

A partir das observações dos diferentes comportamentos das EFs, tornou-se necessário o agrupamento dessas unidades com o objetivo de possíveis classificações e definições. Dado que o presente trabalho lidou com dados orais, foram identificadas EFs portadoras de significação (ex: *coisa de louco*, *mulher da vida* e *um lugar ao sol*) e outras que carregavam funções dentro dos enunciados (ex: *com coisa que*, *a sua pessoa* e *em lugar de*). Em uma tentativa de englobar tais estruturas dentro das classes de palavras, uma vez que tais construções são concebidas como unidades indissociáveis, foram encaixadas em, de acordo com Cunha e Cintra (2008), *lexicais*, que se caracterizam por sua significação *externa* (fatos do mundo extralinguístico) e *gramaticais*, por terem significação *interna* derivada das relações e categorias levadas em conta pela língua.

Deste modo, no Quadro 7, apresenta-se o agrupamento das EFs de acordo com o seu sentido e função/comportamento.

Quadro 7 – Agrupamento das EFs em lexicais e gramaticais

EXPRESSÕES LEXICAIS		EXPRESSÕES GRAMATICAIS	
<b>Coisa</b>			
coisa de cinema coisa de criança coisa de louco coisa e tal coisa julgada coisa pública coisas da vida coisas do arco-da-velha coisinha à toa coisa que o valha dizer alguma coisa	é tudo uma coisa só estado de coisas mesma coisa não ser grande coisa nem uma coisa nem outra que coisa não ser grande coisa um monte de coisas uma coisa uma coisa leva à outra uma coisa ou outra	aquela coisa toda esse tipo de coisa essa coisa de coisa desse tipo é o tipo da coisa é a tal coisa agora, é outra coisa	youê vê uma coisa com coisa que coisa nenhuma coisa de alguma coisa coisa alguma qualquer coisa
			<b>TOTAL = 36</b>
<b>Negócio</b>			
negócio de louco dar um negócio	—	esse negócio de aquele negócio todo é aquele negócio	é o tal negócio o negócio é o seguinte negócio desse tipo
			<b>TOTAL = 8</b>
<b>Trem</b>			
—	—	esse trem todo	esse trem de
			<b>TOTAL = 2</b>
<b>Troço</b>			
um troço	—	—	—
			<b>TOTAL = 1</b>
<b>Pessoa</b>			
pessoa dada	pessoa de bem	a sua pessoa	—
			<b>TOTAL = 3</b>
<b>Homem</b>			
homem de ferro homem do campo	homem branco os homens	—	—
			<b>TOTAL = 4</b>
<b>Mulher</b>			
mulher barriguda mulher da vida	mulher fácil mulher perdida	—	—
			<b>TOTAL = 4</b>
<b>Cara</b>			
ser o cara	—	—	—
			<b>TOTAL = 1</b>
<b>Lugar</b>			
colocar-se no lugar de dar lugar	lugar-comum ter seu lugar	em lugar de	—

dar lugar a  
em primeiro lugar

não ir a lugar nenhum  
um lugar ao sol

**TOTAL = 9**

---

**TOTAL GERAL= 68**

---

Fonte: A autora.

As expressões lexicais – denominadas assim devido ao seu sentido – que possuem em sua constituição um nome geral, de acordo com o quadro acima, são a maioria, com exceção daquelas formadas a partir do nome *negócio*, que possui maior número de expressões gramaticais. Do total geral de tipos de expressões, salienta-se que 40 já se encontram dicionarizadas e 28 não estão.

Dos 68 tipos de expressões listadas, 35 são consideradas do tipo lexical, o que equivale a 51% do total, e apenas 29% ainda não está dicionarizada. Devido às características semânticas, essas unidades lexicais (UL) podem se comportar como substantivos (*coisa e tal, estado de coisas, os homens e mulher fácil*) ou adjetivos (*homem de ferro e ser o cara*).

Já as EFs consideradas gramaticais se comportam como locução conjuntiva (*com coisa que*), pronome (*a sua pessoa*), locução prepositiva (*em lugar de*), entre outras, e ocorrem em 49% do total. Se forem levadas em conta somente as expressões não dicionarizadas, com exceção de *negócio de louco, dar um negócio, homem do campo, homem branco, mulher barriguda, mulher fácil, ser o cara e não ir a lugar nenhum*, ou seja, oito expressões, todas são EFs do tipo marcadores conversacionais, o que corresponde a 71%. Essas porcentagens sugerem que a classe, ainda que em ritmo inferior se comparado ao da classe aberta, tem se ampliado. Há, por exemplo, estudos atuais que comprovam que alguns nomes gerais, por processo de gramaticalização, deram origem a pronomes em línguas da Europa e do Mediterrâneo<sup>24</sup>, logo, essa é uma tendência das construções formadas por nomes gerais.

Após esse agrupamento necessário para o prosseguimento das análises, é também tarefa deste capítulo classificar as EFs encontradas de acordo com a proposta de Tagnin (2013). Alicerçado no arranjo feito pela autora e de acordo com as características apresentadas pelas EFs testadas, no Quadro 8, EFs são classificadas em oito tipos, distribuídos nos 3 níveis de convencionalidade citados na seção 2.5.

---

<sup>24</sup> Cf. GIACALONE e SANSÒ, 2007.

Quadro 8 – Classificação das EFs de acordo com Tagnin (2013)

NÍVEL SINTÁTICO		NÍVEL PRAGMÁTICO	NÍVEL SEMÂNTICO	
<b>Coligações</b>	<b>Estruturas agramaticais consagradas</b>	<b>Marcadores conversacionais</b>	<b>Expressões idiomáticas</b>	
coisa de em lugar de	—	agora, é outra coisa aquela coisa toda aquele negócio todo coisa desse tipo é aquele negócio é a tal coisa é o tal negócio é o tipo da coisa essa coisa de esse negócio de esse tipo de coisa esse trem de esse trem todo negócio desse tipo o negócio é o seguinte você vê uma coisa	alguma coisa a sua pessoa coisa alguma coisa de louco coisa do arco da velha coisa nenhuma colocar-se no lugar de dar lugar dar um negócio homem de ferro homem do campo homem branco lugar-comum mulher barriguda mulher da vida	mulher fácil mulher perdida não ir a lugar nenhum não ser grande coisa negócio de louco os homens pessoa dada pessoa de bem qualquer coisa ter seu lugar um lugar ao sol um troço uma coisa ser o cara
<b>Colocações</b>	<b>Expressões convencionais</b>	<b>Fórmulas situacionais</b>		
coisa de cinema coisa de criança coisa e tal coisa julgada coisa pública coisas da vida coisinha à toa estado de coisas mesma coisa	dar lugar a com coisa que é tudo uma coisa só em primeiro lugar um monte de coisas dizer alguma coisa ou coisa que o valha uma coisa leva à outra uma coisa ou outra nem uma coisa nem outra saber das coisas	que coisa		
<b>Binômios</b>				
—				

Fonte: A autora.

A partir do quadro acima, verifica-se uma diversidade de tipos de expressões fixas formadas a partir dos nomes gerais selecionados. Do total de 68, o tipo de EF que apresenta maior número é a expressão idiomática com 28 itens, seguida pelos marcadores conversacionais, 16, e as expressões convencionais, 11. São consideradas colocações 9 construções; coligações, 2. Não houve ocorrência de expressões que se adequassem à definição de binômios e estruturas agramaticais consagradas.

Nota-se que, apesar da extensa classificação dos tipos de expressões fixas, algumas expressões elencadas não se encaixam adequadamente na proposta de Tagnin (2013), como é o caso dos marcadores conversacionais. Dessa forma, a partir da análise das características e

posições apresentadas pelas estruturas na oração, é feito o agrupamento dos marcadores conversacionais extraídos dos dados orais, apoiado nos trabalhos de Koch (2002), sobre a progressão referencial; e Mascuschi (1991), no que concerne à posição dos marcadores na oração.

Quadro 9 – Agrupamento dos marcadores conversacionais

MARCADOR CONVERSACIONAL	POSIÇÃO NA ORAÇÃO			CARACTERÍSTICAS
	início	meio	Final	
coisa desse tipo		X	X	A expressão, que funciona como uma estratégia de progressão referencial, opera uma seleção/restricção dentre as propriedades atribuíveis ao referente. O falante faz a ativação (anafórica/catafórica) de traços gerais de forma a delimitar/restringir o referente, especificando-o, para uma continuidade progressiva no turno.
essa coisa de	X	X		
esse negócio de	X	X		
esses trem de		X		
esse tipo de coisa		X	X	
negócio desse tipo		X	X	
aquela coisa toda		X	X	A expressão, que funciona como uma estratégia de progressão referencial, opera uma generalização das propriedades atribuíveis ao referente. O falante faz a ativação (anafórica) de traços gerais de forma a cingir o referente, para uma continuidade/encerramento do turno.
aquele negócio todo		X	X	
esse trem todo			X	
agora, é outra coisa	X			A expressão, que funciona como uma estratégia de progressão referencial, introduz/reorganiza as propriedades atribuíveis a ideia/referente. O falante faz a ativação (anafórica/catafórica) de traços gerais de forma a inserir/reformular o turno para uma continuidade progressiva.
é aquele negócio	X	X		
é a tal coisa	X	X		
é o tal negócio	X	X		
é o tipo da coisa	X			
o negócio é o seguinte	X			
youê vê uma coisa	X			

Fonte: A autora.

De acordo com a classificação apresentada no Quadro 9, os marcadores foram agrupados em três tipos de acordo com as suas características: seleção/restricção; generalização; e introdução/reorganização. Isso pode ser visto nos exemplos abaixo:

- (24) “eu gostava... mai[s] pr[a] *esses trem de* apresentar trabalho assim na frente de muita gente... aí dava não” (CTE 26 - ARL)
- (25) “mistura tudo muita coisa muita violência muita... essa perda do do... do Ayrton *essa coisa toda* então eu acho que o Brasil” (FRT 20)
- (26) “5) Então *é aquele negócio*, desmancha na boca, e aquele, aquele premiozinho” (RJN 75)

A expressão destacada em (24) atua restringindo o referente, ainda que com traços gerais, permitindo o encadeamento do turno sem a quebra da informação. O mesmo acontece nos exemplos (25) e (26), com a diferença que os marcadores destacados fazem, respectivamente, uma generalização e uma reorganização de ideias.

Por fim, no apêndice 2 é feita uma proposta de definição das EFs não dicionarizadas encontradas no *corpus* a fim de contribuir e complementar os estudos dessa classe ainda pouco pesquisada. Em razão da riqueza dessas expressões, um trabalho mais aprofundado sobre esses marcadores é sem dúvida, tema para um trabalho futuro.

#### 4.3 Análise da variação lexical

Nesta seção, será analisada a estrutura interna das expressões fixas, algo ainda pouco estudado. O trabalho se volta, especificamente, à observação daquelas que contêm em sua composição os nomes gerais selecionados pelo trabalho e verifica se, devido às características específicas da classe, ULs, como *coisa de louco* e *um troço*, permitem a variação lexical sem alteração do sentido da unidade cristalizada, tanto dos elementos que o acompanham quanto a variação do próprio nome geral.

Dos 68 tipos de expressões fixas obtidas nos dados orais, somente 14 apresentaram variação dos elementos em mesmo contexto sintático dos nomes gerais, o que corresponde a 20% do total. Essas ULs foram representadas no Quadro 5 por aquelas com o maior número de ocorrências. Quando em número igual, foi levado em conta se a expressão é ou não dicionarizada. Por último, adotou-se sistema alfabético.

No Quadro 10, estão representadas as EFs, com os seus respectivos números de casos, em que os elementos internos que variam não são o núcleo das estruturas, i.e, não são os nomes gerais.

Quadro 10 – Listagem das variantes morfológicas dos dados orais

EXPRESSÃO FIXA	QTDE	VARIANTE(S)	QTDE
aquela coisa toda	49	essa coisa toda	31
aquele negócio todo	28	esse negócio todo	12
coisa desse tipo	10	coisa do tipo coisa deste tipo	5 1
é a tal coisa	6	é aquela coisa é aquela tal coisa	1 1
é aquele negócio	5	tem aquele negócio	1
é o tal negócio	5	tem o tal negócio	1
em lugar de	1	no lugar de	4
esse negócio de	77	aquele negócio de	16
esse tipo de coisa	41	aquele tipo de coisa	1
não ir a lugar nenhum	2	não levar a lugar nenhum	1
não ser grande coisa	4	não ser lá grande coisa	3
negócio de louco	1	negócio de doido	1
o negócio é o seguinte	5	negócio é o seguinte	1
ou coisa que o valha	4	coisa que o valha	2

Fonte: A autora.

Os marcadores conversacionais são o tipo de expressão que mais apresentou variação nos componentes dos agrupamentos. A título de exemplo, tem-se a EF *aquela coisa toda* (27), com 47 registros de uso nos dados, utilizada, portanto, como a entrada do verbete. No entanto, há variação da estrutura com o demonstrativo *essa* (28), que também aparece em 31 casos sem alterar a função do conjunto.

(27) “tinha a arte, eh, tinha colagem, modelagem, *aquela coisa toda*” (RJN 05)

(28) “diz que o pombo faz cocô em cima *essa coisa toda*” (RJN 128)

O fato das ULs compostas por nomes gerais virem acompanhadas por determinantes é comum à classe. Levando-se em conta as regras gramaticais, isso se deve ao fato deste

pequeno grupo de pouco conteúdo semântico necessitar de auxílio para a determinação de relações referenciais, fato muito importante na construção e progressão da informação, principalmente por via verbal. Em outras palavras, o nome geral, por (re)qualificar o referente de forma pouco específica, torna pertinente a adjunção de um elemento dêitico na estrutura.

Das 14 expressões do Quadro 10, 4 são expressões lexicais. Três são expressões idiomáticas (*não ir a lugar nenhum*, *não ser grande coisa* e *negócio de louco*) e a última (*ou coisa que o valha*) é uma expressão convencional.

(29) “noticiário porque esses programa de auditório **num são grande coisa** não né?”  
(FRT 15)

(30) “a casa de praia ... num é lá ... **num é lá grandes coisa** não ... mas comporta um bo/ comporta muita gente” (NTL 12 - VLA)

A variação entre (29) e (30) está na inserção do advérbio *lá* e o marcador plural no adjetivo *grande*. Esta variação pode ser considerada uma inserção e, diferentemente dos exemplos anteriores, as duas formas estão dicionarizadas. Sublinha-se a tendência da dupla negativa, posto que o advérbio de negação ocorre antes e no fim da construção<sup>25</sup>.

Um caso curioso em outro tipo de variação morfológica é o da expressão *em lugar de*. Por estar dicionarizada, o bloco encabeçou o verbete da estrutura, porém, os *corpora* apresentam um número superior da sua forma variante *no lugar de* (quatro casos), que tem como parte da sua composição o artigo definido *o* na construção, o que parece ser uma tendência nessa construção nos dados.

Logo, o que se nota é que, no quadro acima, os itens variantes não nucleares pertencem ao mesmo campo semântico e estão limitados aos demonstrativos (*esse/este/aquela*), aos verbos (*ser/ter*) e à inserção/remoção de elementos, como, originalmente considerados, o advérbio de lugar *lá* e o artigo *o*.

Parte-se agora para o exame da variação lexical dos nomes gerais núcleos das EFs. Nos dados, é observado que há cinco pares e um trio de ULs que possuem o mesmo sentido/função e que contêm como elemento distintivo apenas o nome geral que as compõem. Elas estão relacionadas no Quadro 11.

---

<sup>25</sup> Cf. VITRAL e RAMOS, 2006.

Quadro 11 – Expressões fixas que apresentaram variação do nome geral.

EXPRESSÕES EQUIVALENTES	EXEMPLOS
31a) aquela coisa toda	“aí só ficava olhando a gente abrir a latinha <i>aquela coisa toda</i> ..... sabe aquele olhar crítico né?” (BHZ 18 - ANS)
31b) aquele negócio todo	“boto o endereço, remetente, <i>aquele negócio todo</i> e boto lá, no, no lugar adequado, né?” (RJN 184)
32a) é a tal coisa	“Bom, mas <i>é a tal coisa</i> , né, sempre podia estar pior noutro lugar, né?” (RJN 153)
32b) é o tal negócio	“meio pueril, mas <i>é o tal negócio</i> , é ... Evoca assim época de natal” (RJN 21)
33a) coisa desse tipo	“pra quem ... tá do lado ver e qualquer <i>coisa desse tipo</i> ... e se tá incomodando” (NTL 05 - GER)
33b) negócio desse tipo	“no campo de futebol::...futebol de salão:: <i>negócio desse tipo</i> ...então é muito bom” (FRT 45)
34a) essa coisa de	“isso aí sempre pesou muito... sabe? <i>essa coisa de</i> você comprar um tecido e mandar fazer uma blusinha” (FRT 12)
34b) esse negócio de	“agora <i>esse negócio de</i> ma::lha blusa de ma::lha... eh:: jeans::... sabe?” (FRT 32)
34c) esse trem de	“eu gostava... mai[s] pr[a] <i>esses trem de</i> apresentar trabalho assim na frente de muita gente... aí dava não” (CTE 26 - ARL)
35a) coisa de louco	“Mas infelizmente o excesso de trabalho, mas é uma <i>coisa de louco</i> ” (RJN 145)
35b) negócio de louco	“Saía água pelos boeiros, assim um <i>negócio de louco</i> ” (RJN 322)
36a) um troço	“E chega um pedido, um, um único consumidor pedindo vinte por mês. É <i>um troço</i> . Não tem condição, muito difícil.” (RJN 113)
36b) uma coisa	“só tem brasileiro falando alto lá e achando graça e acha que pode falar palavrão, aquele negócio, é <i>uma coisa!</i> ” (RJN 233)

Fonte: A autora.

Trata-se de duas expressões idiomáticas e quatro marcadores conversacionais. A expressão (35a), *coisa de louco*, está registrada no dicionário de locuções de Rocha (2011) como ‘algo que acontece de forma inusitada, estranha’. No entanto, ainda que semelhante, o que se nota dos dados é uma ideia distinta, algo como ‘bagunça ou caos’. Tal sentido é o mesmo compartilhado na construção (35b), *negócio de louco*, o que pode ser considerado como um indício da incorporação de um novo significado para a EI em questão. Ambas ULs podem, por conseguinte, no contexto dos dados, ser utilizadas uma no lugar da outra sem alteração do seu significado.

As expressões (36a), *um troço*, e (36b), *uma coisa*, estão dicionarizadas, igualmente, com dois sentidos. Um relaciona a algo uma qualidade positiva e o outro uma qualidade negativa. Os três registros dos dados orais de *um troço* pontuaram somente a sua segunda característica. O uso de *uma coisa* também se orienta para a abonação negativa, como exemplificado no Quadro 11. Nessas expressões também é permissível a troca dos nomes gerais, bem como serem usadas uma no lugar da outra, sem o rompimento do seu significado convencional, como exemplificado em (37a) e (37b):

(37a) “só tem brasileiro falando alto lá e achando graça e acha que pode falar palavrão, aquele negócio, é ***uma coisa!***” (RJN 233)

(37b) só tem brasileiro falando alto lá e achando graça e acha que pode falar palavrão, aquele negócio, é ***um troço!***<sup>26</sup>

Os marcadores discursivos são os tipos de EFs que apresentam, no *corpus*, maior registro de variação do nome geral. Foram três pares e um trio que compartilham igualdade de valor referencial. As estruturas de (31a) a (34c), por exercerem funções<sup>27</sup> e talvez por carregarem ainda menos carga semântica como conjunto se comparadas às EIs, permitem mais facilmente a alternância do seu nome núcleo por outro da mesma classe, no caso, nomes gerais, sem afetar a coesão do enunciado. Isso pode ser confirmado abaixo:

(38a) “isso aí sempre pesou muito... sabe? ***essa coisa de*** você comprar um tecido e mandar fazer uma blusinha” (FRT 12)

(38b) isso aí sempre pesou muito... sabe? ***esse trem de*** você comprar um tecido e mandar fazer uma blusinha.<sup>28</sup>

(39a) “agora ***esse negócio de*** ma::lha blusa de ma::lha... eh:: jeans::... sabe?”(FRT 32)

(39b) agora ***esse trem de*** ma::lha blusa de ma::lha... eh:: jeans::... sabe?<sup>29</sup>

(40a) “eu gostava... mai[s] pr[a] ***esses trem de*** apresentar trabalho assim na frente de muita gente... aí dava não” (CTE 26 - ARL)

(40b) eu gostava... mai[s] pr[a] ***essas coisa de*** apresentar trabalho assim na frente de

<sup>26</sup> Exemplo nosso.

<sup>27</sup> Cf. Quadro 8.

<sup>28</sup> Exemplo nosso.

<sup>29</sup> Exemplo nosso.

muita gente... aí dava não.<sup>30</sup>

Assim, apesar do intercâmbio dos pares correspondentes das EFs, não é verificado prejuízo na progressão discursiva e não há mudança do sentido nas expressões idiomáticas e da função dos marcadores conversacionais listados.

Compreende-se que, como foi demonstrado nos testes auxiliares de Fulgêncio (2008), as EFs, apesar de terem por característica a rigidez das suas estruturas, tendem a permitir substituição de palavras, desde que pertençam ao mesmo campo semântico. Logo, não se trata de uma alteração livre. Isto foi percebido na variação dos itens não nucleares das estruturas com a permuta dos determinantes e acontece com os nomes núcleos, no caso, os nomes gerais, pelo fato de serem nomes de natureza semelhantes e com conteúdo semântico mínimo na língua.

Dessa maneira, quando uma EF é utilizada – neste caso, o que está sendo avaliado são dados orais –, o enunciador preenche essa representação com os nomes gerais que lhe são mais proeminentes. O nome geral *coisa*, que é o membro mais prototípico da classe, é também o mais produtivo na formação de EFs. Assim, dependendo do tipo de EF, o núcleo do sintagma pode ser preenchido por qualquer um dos membros da classe, por estarem dentro do mesmo campo semântico.

Logo, apesar de (31a) a (36b) terem em sua constituição nomes gerais distintos, as EFs não sofrem alteração do sentido/função, porque, aparentemente, o que as sustenta não são os elementos integrantes das construções, mas sim uma representação abstrata ou mental. Há a recuperação e uma compreensão global da EF sem que o enunciador faça um processamento dos morfemas que integram a unidade linguística. Existe uma estrutura abstrata e há um preenchimento dos elementos constituintes de valoração semântica semelhante que formam, conforme postula Lavandera (1978), construções de mesmo valor funcional.

Outro fato constatado é que quanto mais pleno o sentido, menos provável é a possibilidade de alteração de elementos. Tal afirmação é corroborada quando se compara o número de expressões lexicais que apresentaram a variação do nome geral (duas) com as gramaticais (quatro). Além desse argumento, reforça-se a assertiva com o exemplo abaixo:

(41a) “eu vou executar aquela sentença... daí o fato de que a... a execução... só se faz... depois da *coisa julgada*.” (RJN 341)

---

<sup>30</sup> Exemplo nosso.

(41b) eu vou executar aquela sentença... daí o fato de que a... a execução... só se faz... depois do *negócio julgado*.<sup>31</sup>

Ao se tentar fazer a troca do nome geral da expressão (41a), *coisa julgada*, para (41b), *negócio julgado*, com a devida obrigatoriedade da concordância nominal exigida pelas regras gramaticais, prejudica-se o sentido da colocação. A quebra de sentido, no entanto, não é observada nos exemplos (35a) a (35b), em que os nomes gerais *coisa* e *negócio* podem ser alterados na composição da estrutura sem quebrar o sentido da EI.

É possível constatar também um número maior de variação lexical dos itens que estão em mesmo contexto sintático dos nomes gerais, com 14 ocorrências, que do núcleo da expressão, com 6. Esse número vai de encontro com perspectiva admitida por Raposo (2007) que, apesar de as possibilidades de mudança dos elementos que compõem uma EF não estarem limitadas ao núcleo da estrutura, estas seriam mais frequentes.

Por fim, considera-se que as alterações não são livres nem exclusivamente dependentes da estrutura interna da expressão. São dependentes de autorização contextual e do conhecimento pragmático do ouvinte, visto que o que é armazenado é a ideia, uma estrutura abstrata. Além disso, quanto mais preenchida semanticamente, mais específica é a EF, o que impede uma troca dos nomes gerais quando em posição de núcleo. Por outro lado, quanto mais gramatical é a estrutura, como é o caso dos marcadores conversacionais, maior é a possibilidade de troca do nome geral devido às suas características funções coesivas.

#### 4.4 Análise da variação diatópica

A variação diatópica está associada às diversidades relacionadas à distribuição espacial, que podem ser observadas entre falantes de regiões geográficas diferentes, e aos diferentes usos da língua por pessoas de localidades diversas. Isto posto, a averiguação dos locais de ocorrência das EFs que contêm em sua constituição um nome geral, caracterizando uma variação diatópica, é um dos objetivos do trabalho de forma a contribuir para os estudos sobre essas classes (EFs e nomes gerais) ainda pouco exploradas.

A pesquisa parte do trabalho feito por Nascentes (1953) para estabelecer a divisão dos falares brasileiros. O autor descreve sete tipos, sendo eles o *amazônico*, o *indefinido*, o *nordestino*, o *baiano*, o *mineiro*, o *fluminense* e o *sulista*. O trabalho contempla quatro dos sete falares atestados por Nascentes (1953), o *mineiro*, que inclui as cidades de Bambuí, Belo

---

<sup>31</sup> Exemplo nosso.

Horizonte, Caeté, Montes Claros<sup>32</sup>, Nova Lima, Ouro Preto, Ponte Nova, Santa Luzia, Sericita e Sete Lagoas; o *fluminense*, com as cidade de Niterói, Rio de Janeiro e Juiz Fora, que, devido à sua proximidade com o Rio de Janeiro, detém características do falar fluminense, embora se situe no estado de Minas Gerais; o *nordestino*, que contempla as cidades de Natal e Fortaleza; e o *sulista*, que engloba a cidade de Rio Grande, pertencente ao estado do Rio Grande do Sul.

Não é intenção da pesquisa traçar a porcentagem ou restringir o uso de expressões por região, mas apenas assentar, conforme Nascentes (1953), em quais regiões (falares) elas foram encontradas. Assim, a contabilização das expressões é feita com base na divisão linguística estabelecida pelo autor:

Quadro 12 – Registro do número de EFs por tipo de falares

EXPRESSÃO FIXA	MINEIRO	FLUMINENSE	NORDESTINO	SULISTA	TOTAL
agora, é, outra coisa	—	01	—	—	01
alguma coisa	01	03	05	—	09
aquela coisa toda	11	32	37	—	80
coisa alguma	—	04	—	—	04
coisa de	02	08	—	01	11
coisa de cinema	—	01	—	—	01
coisa de criança	01	—	—	—	01
coisa de louco	—	01	—	—	01
coisa desse tipo	05	06	05	—	16
coisa e tal	01	03	14	08	26
coisa julgada	—	02	—	—	02
coisa nenhuma	01	33	02	01	37
coisa pública	—	—	—	01	01
coisas da vida	—	01	—	01	02
coisas-do-arco-da-velha	—	02	—	—	02
coisinha à toa	01	—	—	—	01
com coisa que	01	—	—	—	01
dizer alguma coisa	—	02	02	—	04

<sup>32</sup> Na proposta de Nascentes (1953), a cidade estaria incluída no falar baiano, porém, devido número de transcrições disponíveis desta localidade, considerou-se pertinente a sua inserção no falar mineiro uma vez que não resultaria prejuízos à pesquisa.

é a tal coisa	—	07	01	—	08
é o tipo da coisa	—	03	06	—	09
é tudo uma coisa só	—	—	—	02	02
estado de coisas	—	05	02	—	07
essa coisa de	03	11	11	02	27
esse tipo de coisa	06	17	18	01	42
mesma coisa	29	113	64	04	210
não ser grande coisa	01	02	04	—	07
nem uma coisa nem outra	—	01	01	—	02
ou coisa que o valha	—	05	01	—	06
qualquer coisa	—	01	01	—	02
que coisa	—	02	02	—	04
saber da coisas	—	01	—	—	01
um monte de coisa	05	37	12	04	58
uma coisa	—	14	01	—	15
uma coisa leva a outra	01	—	—	—	01
uma coisa ou outra	01	04	01	—	06
você vê uma coisa	—	01	—	—	01
aquele negócio todo	02	18	20	—	40
dar um negócio	—	01	—	—	01
é aquele negócio	01	04	01	—	06
é o tal negócio	—	06	—	—	06
esse negócio de	15	53	25	—	93
negócio de louco	—	02	—	—	02
negócio desse tipo	—	01	01	—	02
o negócio é o seguinte	02	04	—	—	06
esse trem de	02	—	—	—	02
esse trem todo	01	—	—	—	01
um troço	—	03	—	—	03
a sua pessoa	01	—	—	—	01
pessoa dada	—	01	—	—	01

peessoa de bem	—	—	01	—	01
homem branco	—	05	—	—	05
homem de ferro	—	01	—	—	01
homem do campo	—	05	14	—	19
os homens	—	01	—	—	01
mulher barriguda	—	01	—	—	01
mulher da vida	—	01	01	—	02
mulher fácil	—	—	01	—	01
mulher perdida	—	01	—	—	01
ser o cara	—	—	01	—	01
colocar-se no lugar de	—	—	01	—	01
dar lugar	—	—	—	01	01
dar lugar a	—	—	01	—	01
em lugar de	01	02	02	—	05
em primeiro lugar	—	12	08	—	20
não ir a lugar nenhum	—	—	03	—	02
lugar-comum	01	—	—	—	01
ter um lugar ao sol	—	—	01	—	01
ter seu lugar	—	03	—	—	03
<b>TOTAL</b>	96	448	271	26	841

Fonte: A autora.

Das expressões dicionarizadas, apenas uma, *qualquer coisa*, possui a indicação de regionalismo feita por Rocha (2011), sinalizando ser típica do estado de Minas Gerais. Outras duas, *coisinha à toa* e *uma coisa* são marcadas apenas como brasileirismos.

As expressões fixas com nome geral *coisa*, traço [+inanimado], estão presentes como pelo menos um tipo de expressão em todos quatro falares do trabalho. No falar mineiro, são registrados dezesseis tipos de EFs; no fluminense, trinta; no nordestino, vinte; e no sulista, dez. Destaca-se que as ULs *coisa e tal*, *coisa nenhuma*, *essa coisa de*, *esse tipo de coisa*, *mesma coisa* e *um monte de coisa* são usadas por informantes de todos os falares.

Por sua vez, expressões com o nome geral *negócio* não registram a abrangência da anterior e não são encontradas no falar sulista. No falar fluminense são listadas oito tipos e quatro no falar mineiro e nordestino.

O nome geral *trem*, no dicionário Aulete Digital, é registrado como substantivo típico do estado de Minas Gerais, Goiás e Tocantins. No *corpus* selecionado, não foram relacionados usos desse item lexical como nome geral pelos informantes dos falares fluminense, nordestino e sulista, que somente utilizaram-no para se referirem ao meio de transporte. Essa ausência confirma a hipótese de Koch (2004, p. 250), de que o uso de um nome geral pode estar relacionado à variedade regional do informante. Baseado também nessa perspectiva, Oliveira (2014), além de incluir o item *cabra*, na classe dos nomes gerais, identifica-o como um nome regional da cidade de Fortaleza, dotado de traço [+humano]. Por conseguinte, há apenas o registro de dois tipos de EFs, mais especificamente marcadores conversacionais, *esse trem de* e *esse trem todo*, no falar mineiro. O fichamento dessas estruturas, que encapsulam informações com *status* dado, neste único falar, demonstra sua concentração regional e uso apenas pelos informantes mineiros, além de mostrar que a hipótese de Koch (2004) pode ser estendida às expressões formadas a partir de um nome geral.

Como verificado anteriormente, a palavra *troço* não é produtiva na participação de expressões. Com apenas um tipo de construção, *um troço*, que já está dicionarizada, apenas no falar fluminense foi utilizada por três informantes do NURC com o sentido de ‘algo ruim’. Nos falares mineiro, nordestino e sulista não há registro de uso. Levanta-se a hipótese que essa ausência talvez se dê pelo fato de que o item lexical em questão seja pouco propício para ocorrer em gravações sociolinguísticas, que, embora busquem, não são completamente espontâneas.

Entre os nomes gerais com traço [+humano], as expressões com nome *pessoa* foram utilizadas em três dos quatro falares. Já aquelas formadas a partir das palavras *homem* e *mulher* são encontradas em apenas dois, o fluminense e o nordestino. O item *cara*, que nos dicionários não possui EFs constituídas a partir do nome geral, registra o uso de *ser o cara*, pronunciada por um informante do falar nordestino (42) que quer qualificar uma pessoa como ‘aquela que se destaca se comparada a outras; a melhor’.

- (42) “muito emBOra vamo/ dizer o violinista o primeiro violinista né? que a gente chama o primeiro que *é o cara*... TOque muito melhor do que ele certamente né::?” (FRT 27)

Com o traço [+lugar], as expressões fixas formadas a partir de *lugar* ocorrem em todos os falares com pelo menos um tipo. No mineiro são registrados dois tipos (*em lugar de*, *lugar-comum*), no fluminense três (*em lugar de*, *em primeiro lugar* e *ter seu lugar*), seis no nordestino (*colocar-se no lugar de*, *dar lugar a*, *em lugar de*, *em primeiro lugar*, *não ir a lugar nenhum* e *ter um lugar ao sol*). No sulista é assinalada somente a expressão *dar lugar*.

De todas as expressões que possuem como núcleo um nome geral, ao menos um tipo com aquelas compostas por *coisa* e *lugar* são as registradas nos quatro falares abarcados pelo trabalho. Do total de 841 EFs colhidas nos dados orais, 96 foram proferidas por informantes dos projetos que se inserem, de acordo com Nascentes (1953), ao falar mineiro, 448 pertencem ao falar fluminense, 271 ao falar nordestino, e 26 ao falar sulista.

Ao ser analisada a distribuição dos tipos de expressões por região, do montante de 68, o falar fluminense obteve maior número de repertório, ou seja, maior diversidade de tipos de EFs. Tal número se deve, talvez, ao maior número de transcrições colhidas em tal região. Portanto, um estudo que faça o controle equiparado do número de transcrições e palavras dos *corpora* é sugerido para ratificar se o falar fluminense possui, ou não, maior repertório de tipos de EFs com nomes gerais.

O uso dos marcadores conversacionais *esse trem de* e *esse trem todo* se restringe ao falar mineiro (foram proferidas por interlocutores nas cidade de Belo Horizonte, Caeté e Ouro Preto) sendo um possível indício de uso regional da EF. Nos dados, isso vai ao encontro de Fulgêncio (2008), que afirma que o uso de algumas expressões fixas pode ser considerado tipicamente regional. Porém, são necessários estudos mais amplos, com um conjunto de dados mais abrangentes, para que generalizações possam ser feitas.

Por fim, destaca-se que as expressões fixas e os nomes gerais, por si só, já são fontes ricas para investigações devido as particularidades que cada falar pode apresentar. O objetivo do trabalho não é determinar, tampouco delimitar, em quais regiões, de acordo com os projetos reunidos, as EFs são registradas, mas apenas assinalar que essas ULs também podem servir como importante instrumento de agrupamento das singularidades dos falares. Assim, conforme comentado anteriormente, o uso de um nome geral pode estar relacionado à variedade regional do informante e deve ser estendido para as EFs.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As expressões fixas e os nomes gerais são duas classes com características particulares, produtivas, comuns no léxico da língua portuguesa e fonte para fecundos trabalhos a serem alçados. O presente trabalho analisou expressões fixas que têm em sua constituição um nome geral. Tal estudo lexical se baseou numa perspectiva léxico-variacionista, adotando pressupostos da Sociolinguística e da Dialetoлогия.

Partiu-se da pressuposição de que, devido às características particulares dos nomes gerais, uma delas o esvaziamento semântico, as expressões formadas a partir desses elementos poderiam permitir variações tanto dos elementos em mesmo contexto sintático quanto do próprio nome geral núcleo da construção. Além disso, conforme observa Fulgêncio (2008), as expressões fixas também são fontes para constatação de variação diatópica, porque podem ser consideradas tipicamente regionais.

A seleção dos nomes gerais a serem examinados foi feita a partir do entrelaçamento dos trabalhos de Mahlberg (2003) e Oliveira (2006), em uma perspectiva da Linguística de corpus, Halliday e Hasan (1995 [1976]), de coesão e referencialidade, obtendo-se *coisa*, *negócio*, *trem*, *troço*, *pessoa*, *homem*, *mulher*, *cara* e *lugar*.

O trabalho optou por não estabelecer um número mínimo de ocorrências de construções para as análises para não perder casos singulares e considerados de fundamental importância ao objetivo da pesquisa. Assim sendo, para a frequência das expressões, sugere-se que, em um projeto futuro, tal parâmetro seja utilizado em um conjunto de dados mais abrangente.

A pesquisa se inicia questionando o motivo pelo qual esses nomes de generalidade semântica participam de expressões fixas, o que, conseqüentemente, indicaria uma tendência à alta produtividade de novas construções. Foi constatado que a maioria das expressões fixas não dicionarizadas, classificadas como marcadores conversacionais, são expressões funcionais e atuam como elementos de coesão discursiva, coincidindo com a principal característica dos nomes gerais que, segundo Halliday e Hasan (1995 [1976], p. 275), é a de funcionarem como elementos discursivos.

Os objetivos secundários da pesquisa foram alcançados. No primeiro, confirmando os mesmos resultados de Amaral e Ramos (2014) e Kleiber (1987), o nome geral *coisa*, nos dados, se confirma como o membro prototípico da classe e o mais produtivo para a formação de EFs. É também reconhecido que a frequência da palavra *coisa* está relacionada à produtividade para a formação de expressões fixas. Com 94 tipos expressões, o nome geral

em questão foi três vezes mais produtivo se comparado ao segundo, *negócio*, que está presente em 27 construções.

Quanto à variação lexical, mais especificamente aos elementos que variam em mesmo contexto sintático que os nomes gerais, estes se restringem ao mesmo campo semântico, estão limitados aos demonstrativos (*esse/este/aquele*), aos verbos (*ser/ter*) e à inserção/remoção de elementos tais como advérbio de lugar, *lá*, e artigo, *o*.

No que diz respeito à variação do próprio nome geral, esta se dá mais facilmente em marcadores conversacionais, pois eles, por contarem com o contexto situacional, não necessitam de sentido pleno. Assim, o núcleo do sintagma pode ser preenchido por qualquer um dos membros da classe de conteúdo mínimo referencial, uma vez que são acompanhados necessariamente de elementos dêiticos. Essa variabilidade é possível, porque, aparentemente, existe uma estrutura abstrata e há um preenchimento feito pelos interlocutores com elementos constituintes de mesma valoração semântica, produzindo, conforme postula Lavandera (1978), construções de mesmo valor funcional. Porém, observa-se também que, quanto mais preenchida de significado, menos provável é a possibilidade de permuta entre os nomes gerais, que é o caso de EFs mais técnicas como *coisa julgada*.

Quanto à variação diatópica, não se tem o objetivo associar o uso de uma expressão fixa a uma localidade. A metodologia da pesquisa permite apenas listar em quais falares os tipos de EFs foram usados. Assim, lista-se que as construções *coisa e tal*, *coisa nenhuma*, *essa coisa de*, *esse tipo de coisa*, *mesma coisa* e *um monte de coisa* foram empregadas por interlocutores dos falares mineiro, fluminense, nordestino e sulista, ou seja, os quatro falares que são abarcados pela pesquisa. Além disso, seguindo a indicação dos dicionários, no que concerne ao nome geral *trem*, os marcadores conversacionais *esse trem de* e *esse trem todo* se restringem ao falar mineiro, demonstrando um possível indício de uso regional da EF.

Para finalizar, são feitas algumas considerações que ampliam o escopo da análise. Ao serem aplicados os testes de Fulgêncio (2008), em algumas expressões como *pessoa de bem* e *homem de palavra*, embora não tenham sido registrados usos variantes nas transcrições, nota-se que tais expressões não necessitam exatamente destes nomes gerais especificamente. Ao serem substituídos por outros de mesmo traço semântico [+humano], não é alterado o seu sentido. Logo, entende-se que a estrutura da construção é composta por uma palavra com traço [+humano] acrescido do adjunto adnominal. Isso pode ser confirmado com a expressão *mulher de palavra*, dicionarizada, que carrega o mesmo sentido, variando apenas o nome geral núcleo do sintagma. Entende-se, porém, que, apesar de todos os cuidados, existem dificuldades para se estabelecer critérios para as entradas dos dicionários. Logo, é necessária a

escolha de um desses nomes gerais para encabeçar tal significação. Esse tipo de variação também é uma possível fonte de novos estudos.

Outro ponto que o trabalho verificou é a questão da convencionalidade de sentidos recebidos pelas expressões fixas formadas a partir dos nomes gerais *homem* e *mulher*. Há notavelmente, uma tendência para que as construções formadas pelo primeiro recebam convencionalmente significação qualitativa, enquanto as do segundo recebam significação pejorativa. Tais afirmações se confirmam pelo fato de a maioria das EFs com a palavra *homem* receberem acepção qualitativa (*homem bom, homem chave, homem da lei, homem da rua, homem de ação, homem de bem, homem de Deus, homem de empresa, homem de ferro, homem de negócios, homem de palavra, homem de prol, homem de pulso, homem de sete instrumentos, homem de sociedade*, etc), enquanto aquelas com o nome *mulher* receberem, convencionalmente, interpretações relacionadas à prostituição (*mulher à toa, mulher de programa, mulher de ponta de rua, mulher de rua, mulher de vida fácil, mulher do amor, mulher do mundo, mulher do palo aberto, mulher errada, mulher perdida, mulher pública, mulher solteira, mulher vadia*), à gênio ruim (*mulher de faca e calhau, mulher do piolho, mulher fállica, pior que mulher de piolho*), à sexualização e objetificação do gênero feminino (*mulher-fatal, mulher objeto*), e à depreciação quanto à sua aparência ou orientação sexual (*mulher-homem, mulher-macho*). Em trabalho anterior, Oliveira (2016)<sup>33</sup>, em uma perspectiva de campos semânticos, observa que as expressões idiomáticas, dicionarizadas no dicionário Aurélio (2010), com os nomes gerais em questão, tendem a ser de caráter positivo para aquelas formadas com *homem* enquanto são negativas para as formadas com *mulher*. No entanto, para entender o que leva essas EFs a receberem tais conotações, são necessários maiores estudos apoiados em trabalhos da Linguística Antropológica e da Etnolinguística, além de investigações sobre os fatores extralinguísticos socioculturais que podem ter motivado a divergência dos significados de expressões e, por conseguinte, a oposição dos seus campos semânticos.

Verifica-se nos dados, além disso, novas acepções de expressões já dicionarizadas. Incluem-se as construções *coisa de louco*, utilizada com o sentido de ‘bagunça ou desordem’ e *coisas do arco da velha* como a interpretação de ‘algo antigo’<sup>34</sup>.

<sup>33</sup> OLIVEIRA, Luanna de Sousa do Nascimento. *Expressões idiomáticas compostas pelos nomes gerais homem e mulher: uma análise dos campos semânticos*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2016. 22p. Não publicado.

<sup>34</sup> Nos dicionários selecionados não consta este sentido, apesar de ser, aparentemente, o seu uso mais comum.

Por fim, ressalta-se a importância das expressões na construção de processos discursivos. No que diz respeito à inserção de um olhar sociolinguístico, constata-se que o uso de uma EF pode estar ligada ao local de nascimento do interlocutor. A partir do trabalho, espera-se ter contribuído para o estudo sobre a variedade lexical e diatópica das expressões, tão comuns na língua portuguesa, mas ainda pouco pesquisada na literatura linguística brasileira.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, Eduardo Tadeu Roque; LOURENCO, João Carlos Martins. O comportamento linguístico do nome 'cara' no português brasileiro. *Acta Semiótica et Linguística*, v. 20, p. 44-60, 2015.
- AMARAL, Eduardo Tadeu Roque; RAMOS, Jânia. *Nomes gerais no português brasileiro*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2014.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. *As vogais pretônicas nos falares nordestinos: dados do AliB*. In: IX Congresso Internacional da ABRALIN – Anais, Belém – PA: UFPA, 2015. v. 01, p. 151-157.
- BASILIO, Margarida. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2004.
- BERNARDINO, Bertrando. *Minidicionário de Pernambuquês*. Recife: Edições Bagaço, 3a edição, 2002.
- BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. As ciências do léxico. In: *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Campo Grande: Ed. UFMS, 1998.
- \_\_\_\_\_. Léxico e Vocabulário fundamental. *Revista Alfa*. v. 40. São Paulo, 1996. p. 27 - 46.
- \_\_\_\_\_. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes. 2001. Coleção leitura e crítica.
- CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. *Dicionário de Filologia e Gramática*. Rio de Janeiro: Jozon, 1968.
- \_\_\_\_\_. *Dicionário de linguística e gramática: referente a língua portuguesa*. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. 266p.
- CHIERCHIA, Gennaro. *Semântica*. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.
- COSERIU, Eugênio. *Lições de linguística geral*. Rio de Janeiro: Livro técnico, 1980.
- CUNHA, Aline Luiza da. *Expressões idiomáticas: da linguagem publicitária para a sala de aula*. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2012. 115 p.
- DICIONÁRIO Aulete Digital. Disponível em <<http://www.aulete.com.br/>>. Acesso em: 19 de out. 2015.
- FERNANDES, Eugênia Magnólia da Silva. *Expressões idiomáticas no Português do Brasil: análise funcional-tipológica e seu ensino no âmbito da segunda língua*. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011. 226 p.
- FERRAZ, Aderlande Pereira. A inovação lexical e a dimensão social da língua. In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. (Org.) *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda; FERREIRA, Marina Baird; ANJOS, Margarida dos. *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 5. ed. Curitiba. Positivo, 2010. 2222 p.

FONSECA, Heloisa da Cunha. *Fraseologismos zoônimos*: Elaboração de base de dados Português-Francês. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, UEP, São José do Rio Preto, 2013.

FRANCIS, Gill. Rotulação do discurso: um aspecto da coesão lexical de grupos nominais. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernadete Biase; CIULLA, Allena. *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 191-228.

FULGÊNCIO, Lúcia. *Expressões fixas e idiomatismos do português brasileiro*. 2008. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, PUC, Belo Horizonte, 2008. 506 p.

\_\_\_\_\_. *O Problema da interpretação dos elementos anafóricos*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 1983. 130 p.

GEERAERTS, Dick. Lexical variation in space. In: AUER, Peter; SCHMIDT, Jürgen Erich (Org.). *Language and space: theories and methods: an international handbook of linguistic variation*. Walter de Gruyter GmbH & Co. KG. Berlin/Nova Iorque, 2010.

GIACALONE RAMAT, Anna; SANSÒ, Andrea. The spread and decline of indefinite man-constructions in European languages. *Europe and the Mediterranean as Linguistic Areas: convergencies from a historical and typological perspective*. p. 95- 131, 2007.

GROSS, Gaston. *Les expressions figées en français*. Paris: Ophrys, 1996.

GUILBERT, L. *Peut-on définir un concept de norme lexicale?* In: *Langue Française*, no 16. Paris, 1972. p.29-47.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; HASAN, Ruqaiya. *Cohesion in English*. 14. ed. London /New York: Longman, 1995 [1976].

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro.; FRANCO, Francisco Manoel de Mello; INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS DE LEXÍCOGRAFIA. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 2922 p.

HURFORD, James; HEASLEY, Brendan. *Curso de Semântica*. Tradução de Delzimar da Costa Lima e Dóris Cristina Gedrat. Canoas: Ed. ULBRA, 2004. 394 p.

IRIARTE SANROMÁN, Álvaro. *A unidade lexicográfica: palavras, colocações, frasesmas, pragmatemas*. Dissertação (Doutoramento em Ciências da Linguagem – Linguística Aplicada). Centro de Estudos Humanísticos, Universidade do Minho, Braga. 2000. 441p.

ISQUERDO, A. N. Designações para estilingue em atlas linguísticos brasileiros: perspectivas diatópica e sócio-histórica. In: TROTTER, David (Ed.) *Actes du XXIVe Congress International de Linguistique et de Philologie Romanes*. Tome I. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2007. p. 533-546.

KLEIBER, Georges. Mais à quoi sert donc le mot chose? Une situation paradoxale. *Langue Française*, v. 73, pp. 109-128, 1987. Disponível em: [http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/lfr\\_0023-8368\\_1987b\\_num\\_73\\_1\\_6431](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/lfr_0023-8368_1987b_num_73_1_6431). Acesso em: 19 fev. 2016.

KOCH, Ingedore Grunfeld Vilaça. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. Sobre a seleção do núcleo das formas nominais anafóricas na progressão referencial. In: NEGRI, Lígia; FOLTRAN, Maria José; OLIVEIRA, R. P. (Orgs.). *Sentido e significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 244-262.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972]. 392 p.

LAVANDERA, Beatriz. *Where does the sociolinguistic variable stop?*. *Language in Society*, London, v. 7, p.171-82, 1977.

MAHLBERG, Michaela. *English general nouns: a corpus theoretical approach*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2003.

MARCUSCHI, Luis Antônio. *Análise da Conversação*. São Paulo: Ática, 1991.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Editorial Ariel, 2005.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. 2.ed. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953.

NUNES, José Horta. Lexicologia e Lexicografia. In: GUIMARÃES, Eduardo.; ZOPPI FONTANA, Mônica. (Orgs.) *Introdução às Ciências da Linguagem – a palavra e a frase*. Campinas, SP: Pontes, 2006, 147-172.

NUNES, Paulo César Ribeiro. *Estudo do léxico policial militar*. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2012.

OLIVEIRA, Claudia Maria Garcia Medeiros de; *O substantivo suporte: Critérios operacionais de caracterização*. 2006. Tese (Doutorado em Letras) - Centro de Teologia e Ciências Humanas, PUC, Rio de Janeiro, 2006. 118 p.

OLIVEIRA, Luanna de Sousa do Nascimento. *O uso de anáforas por nomes gerais no português mineiro e no cearense*. 2014. Monografia (Graduação em Letras) - Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2014. 60 p.

PAIM, Marcela Moura Torres. A variação lexical nos campos semânticos corpo humano e ciclos da vida: o que revelam os dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. *Diadorim* (Rio de Janeiro, v. 1, p. 143-159, 2011).

PENADÉS MARTÍNEZ, Inmaculada. *La enseñanza de las unidades fraseológicas*. Madrid: Arco Libros, 1999.

POTTIER, Bernard. *Theorie et analyse en linguistique*. Paris: Hachette, c1987. 223 p. (Langue linguistique communication)

RAPOSO, Kariny Cristina de Souza. *Estudo das expressões idiomáticas do português do Brasil: uma proposta de sistematização*. Dissertação (Mestre em Língua Portuguesa) Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007. 137 p.

RIVA. Huellinton Cassiano. *Dicionário onomasiológico de expressões idiomáticas usuais na língua portuguesa do Brasil*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2009. 311 p.

ROCHA. Carlos Alberto de Macedo; ROCHA, Carlos Eduardo Penna de M. *Dicionário de locuções da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexicon, 2011.

SABINO, Marilei Amadeu. Estudo diacrônico de Expressões Idiomáticas em oito dicionários de Língua Portuguesa: alcances e limitações. In: ENCONTRO INTERMEDIÁRIO DO GRUPO DE TRABALHO DE LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA E TERMINOLOGIA DA ANPOLL, 7, 2009, São José do Rio Preto. *Caderno de resumos do VII ENGTLEX - Encontro Intermediário do Grupo de Trabalho de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL*, 2009. p. 55-56.

SANKOFF, Gillian. Above and beyond phonology in variable rules. In: BAILEY, Charles-James; SHUY, Roger (Orgs.), *New ways of analyzing variation in English*, 44-61. Washington: Georgetown University Press, 1973.

SAPIR, Edward. *Language*. An introduction to the study of speech. London: Harcourt, Brace and Company, 1949.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 27 ed. Tradução de Antônio Chelini et al. São Paulo: Cultrix, 2006.

SERRANO, María José. Historia que ya es historia: evolución y actualidad del concepto y la metodología de la variación sintáctica. *Boletín de Lingüística*, XIX/28, jul-dic, 2007, p. 192-127.

TAGNIN, Stella Ortweiler. *Expressões idiomáticas e convencionais*. São Paulo: Ática, 1989.

\_\_\_\_\_. *O jeito que a gente diz: expressões convencionais e idiomáticas*. São Paulo: Disal, 2005.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo, Ática, 1986.

TOGNINI-BONELLI, Elena. *Corpus Linguistics at Work*. Amsterdam: John Benjamins. 2001.

VITRAL, Lorenzo; RAMOS, Jânia. O processo não > num na fala. In: VITRAL, Lorenzo; RAMOS, Jânia. *Gramaticalização: uma abordagem formal*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006. p. 119 - 132.

WANKE, Eno Theodoro. *Vocabulário Paranista*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2ª edição, 2001.

XATARA, Claudia Maria. *A tradução para o português de expressões idiomáticas em francês*. Araraquara, 1998. Tese (Doutorado em Letras: Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, 1998. 253 p.

\_\_\_\_\_. *As expressões idiomáticas de matriz comparativa*. Dissertação de Mestrado, São Paulo: USP, 1994. 140 p.

XATARA, Claudia Maria; OLIVEIRA, Wanda Leonardo de. *Dicionário de provérbios, idiomatismos e palavrões: francês-português / português-francês*. São Paulo: Cultura, 2002.

## APÊNDICES

### Apêndice 1 – Expressões fixas dicionarizadas

<b>Coisa</b>	1 - a coisa está preta <sup>35</sup> 2 - a permanecerem assim as coisas 3 - agora a coisa vai 4 - aí é que a coisa fia (pia) fino 5 - aí é que a coisa pega 6 - aí tem coisa 7 - alguma coisa 8 - as coisas estão pretas 9 - as quatro últimas coisas 10 - boa coisa não é 11 - cheio de coisa 12 - coisa alguma 13 - coisa de 14 - coisa de arromba 15 - coisa de cinema 16 - coisa de criança 17 - coisa de louco 18 - coisa de nada 19 - coisa de outro mundo 20 - coisa de primeira mão 21 - coisa de vulto 22 - coisa do outro mundo 23 - coisa em si 24 - coisa-feita 25 - coisa julgada 26 - coisa-má 27 - coisa nenhuma 28 - coisa pública 29 - coisa-ruim 30 - coisas sem pés nem cabeça 31 - coisas da vida 32 - coisas do arco-da-velha 33 - coisas e loisas 34 - coisas humanas 35 - coisas mínimas 36 - coisinha à toa 37 - coisinha linda 38 - coisíssima nenhuma 39 - como quem não tem nada com a coisa 40 - dar uma coisa 41 - dizer alguma coisa 42 - e lá vai coisa	43 - é tudo uma coisa só 44 - encher a boca de uma coisa 45 - essa é que é a coisa 46 - estado de coisas 47 - estar vendo coisas 48 - estarem as coisas pretas 49 - falar de outra coisa 50 - fazer a coisa certa 51 - fazer as coisas pela(s) metade(s) 52 - fazer uma coisa brincando 53 - grande coisa! 54 - juntar as coisas 55 - mesma coisa 56 - muitas coisas em poucas palavras 57 - não dar pela coisa 58 - não dizer coisa com coisa 59 - não falar noutra coisa 60 - não fazer coisa com coisa 61 - não ser coisa que se diga 62 - não ser coisa que se faça 63 - não ser grande coisa 64 - não ter visto uma coisa nem pintada 65 - nem uma coisa nem outra 66 - ou coisa que o valha 67 - passar por coisa pior 68 - pôr as coisas em seus devidos lugares 69 - qualquer coisa 70 - saber das coisas 71 - ter passado por coisa pior 72 - um monte de coisas 73 - uma coisa 74 - uma coisa depois da outra 75 - uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa 76 - uma coisa leva a outra 77 - uma coisa ou outra 78 - ver a coisa preta 79 - ver as coisas do alto 80 - ver as coisas pelo lado bom 81 - ver coisas 82 - ver o lado bom das coisas 83 - ver-se a braços com uma coisa
<b>Negócio</b>	1 - encarregado de negócios 2 - negócio arrastado 3 - negócio da China 4 - negócio da Costa da Mina 5 - negócio de água arriba 6 - negócio de arromba 7 - negócio de comadres 8 - negócio de compadres 9 - negócio de Estado 11 - negócio de orelha 12 - negócio de pai para filho 13 - negócio embrulhado 14 - negócio engatilhado 15 - negócio furado 16 - negócio jurídico 17 - negócio limpo 18 - um negócio 19 - retirado dos negócios	

<sup>35</sup> Variantes: a coisa está feia; a coisa está pegando fogo; a coisa está ruça.

	10 - negócio de ocasião	
<b>Trem</b>	1 - eta trem! 2 - trem bom 3 - trem da alegria	4 - trem de vida 5 - trem de doido
<b>Troço</b>	1 - um troço	
<b>Pessoa</b>	1 - acepção de pessoas 2 - cadastro de pessoa física 3 - como uma só pessoa 4 - em pessoa 5 - jogar uma pessoa no buraco 6 - jogar uma pessoa na fogueira 7 - pessoa coletiva 8 - pessoa complexa 9 - pessoa dada 10 - pessoa de água morna 11 - pessoa de bem 12 - pessoa de boa-fé 13 - pessoa de cor 14 - pessoa de direito público 15 - pessoa de direito privado 16 - pessoa de distinção 17 - pessoa de estopim curto 18 - pessoa de fibra	19 - pessoa de poucas palavras 20 - pessoa de quatro costados 21 - pessoa fictícia 22 - pessoa física 23 - pessoa interposta 24 - pessoa intragável 25 - pessoa jurídica 26 - pessoa moral 27 - pessoa natural 28 - pessoa sem entranhas 29 - pessoa sem vergonha 30 - pessoa socada 31 - pessoas divinas 32 - ser a segunda pessoa de 33 - ser a verdade em pessoa 34 - suposição de pessoa 35 - uma pessoa
<b>Homem</b>	1 - como um (só) homem (só) 2 - de homem para homem 3 - despir o homem velho 4 - homem apagado 5 - homem-bom 6 - homem-bomba 7 - homem-chave 8 - homem da capa preta 9 - homem da lei 10 - homem da rua 11 - homem das arábias 12 - homem de ação 13 - homem de bem 14 - homem de conta, peso e medida 15 - homem de cor 16 - homem de Deus 17 - homem de duas caras 18 - homem de empresa 19 - homem de espírito 20 - homem de Estado 21 - homem de ferro 22 - homem de gelo 23 - homem de letras 24 - homem de maus-bofes 25 - homem de negócios 26 - homem de Neandertal 27 - homem de palavra 28 - homem de palha 29 - homem de perna de pau 30 - homem de poucas palavras 31 - homem de prol 32 - homem de pulso	35 - homem de sociedade 36 - homem do leme 37 - homem do mar 38 - homem do mundo 39 - homem do povo 40 - homem (do tempo) das cavernas 41 - homem-feito 42 - homem-grande 43 - homem-hora 44 - homem marcado 45 - homem marginal 46 - homem-mosca 47 - homem-pássaro 48 - homem perdido 49 - homem público 50 - homem qualquer 51 - homem rã 52 - homem-sanduíche 53 - melhor amigo do homem 54 - o homem do momento 55 - onde você comprou essa camisa que está usando, tinha pra homem? 56 - os homens 57 - pequenos homens verdes 58 - pescadores de homens 59 - pobre homem 60 - saber ser homem 61 - seja homem! 62 - ser homem 63 - ser outro homem 64 - ser um homem ao mar 65 - terceiro homem

	33 - homem de (dos) sete instrumentos 34 - homem de tono e tombo	66- todo homem tem seu preço
<b>Mulher</b>	1 - arenga de mulher 2 - de mulher para mulher 3 - desonrar uma mulher 4 - mulher a dias 5 - mulher-à-toa 6 - mulher-dama 7 - mulher da rua 8 - mulher da rótula 9 - mulher da vida 10 - mulher da zona 11 - mulher de ação 12- mulher de bem 13 - mulher de comédia 14 - mulher de César 15 - mulher de cor 16 - mulher de espírito 17 - mulher de faca e calhau 18 - mulher de gamela 19 - mulher de letras 20 - mulher de má nota 21 - mulher de negócios 22 - mulher de palavra 23 - mulher de programa 24 - mulher de ponta de rua 25 - mulher de pulso 26 - mulher de rua 27 - mulher de sociedade 28 - mulher de verdade 29 - mulher de vida fácil	30 - mulher do amor 31 - mulher do fado 32 - mulher do fato 33 - mulher do fandango 34 - mulher do mundo 35 - mulher do palo aberto 36 - mulher do piolho 37 - mulher do povo 38 - mulher errada 39 - mulher fálica 40 - mulher(-)fatal 41 - mulher-feita 42 - mulher forte 43 - mulher homem 44 - mulher ingrata 45 - mulher-macho 46 - mulher-objeto 47 - mulher perdida 48 - mulher-pobre 49 - mulher pública 50 - mulher-solteira 51 - mulher-vadia 52 - pior que mulher de piolho 53 - procurar mulher 54 - ser como a mulher de César 55 - ser mulher de 56 - todos, inclusive a mulher dele 57 - tráfico de mulheres 58 - vinho, mulheres e música
<b>Cara</b>	-----	
<b>Lugar</b>	1 - chorar na cama que é lugar quente 2 - colocar-se no lugar de 3 - conhecer o seu lugar 4 - dar lugar 5 - dar lugar a 6 - em lugar de 7 - em primeiro lugar 8 - estar no lugar 9 - estar tudo no lugar 10 - fora do lugar 11 - ir para um bom lugar 12 - lugar ao sol 13 - lugar-comum 14 - lugar do texto 15 - lugar geométrico 16 - lugar mais limpo 17 - lugar sagrado	18 - lugar santo 19 - lugar sem volta 20 - lugar-tenente 21 - mandar para aquele lugar 22 - não conhecer o seu lugar 23 - não esquentar lugar 24 - não esquentar o lugar 25 - no meio de lugar nenhum 26 - pôr alguém no seu lugar 27 - pôr as coisas em seus lugares 28 - pôr no seu devido lugar 29 - pôr-se no lugar de 30 - pôr-se no seu lugar 31 - ter a cabeça no lugar 32 - ter lugar 33 - ter seu lugar 34 - um lugar ao sol
<b>TOTAL</b>	301	

## Apêndice 2 – Proposta de definição para as EFs não dicionarizadas

a sua pessoa	Opera de maneira semelhante ao pronome de tratamento ‘você’. Ex: “mais a pressão que você exerce... é/é/é... <b>na sua pessoa</b> ... na família... é muito exaustivo” (SLZ 04 - SIL)
agora, é, outra coisa	Atua como uma estratégia de progressão referencial, introduz/reorganiza as propriedades atribuíveis a ideia/referente. O falante faz a ativação (anafórica/catafórica) de traços gerais de forma a inserir/reformular o turno para uma continuidade progressiva. Ex: “Ah! <b>Agora, é outra coisa</b> ... E o mais engraçado é que me aconteceu que eu fiquei esperando neném” (RJN 84)
aquela coisa toda	Atua como uma estratégia de progressão referencial, opera uma generalização das propriedades atribuíveis ao referente. O falante faz a ativação (anafórica) de traços gerais de forma a cingir o referente, para uma continuidade/encerramento do turno. Ex: “tinha a arte, eh, tinha colagem, modelagem, <b>aquela coisa toda</b> .” (RJN 05)
aquele negócio todo	Atua como uma estratégia de progressão referencial, opera uma generalização das propriedades atribuíveis ao referente. O falante faz a ativação (anafórica) de traços gerais de forma a cingir o referente, para uma continuidade/encerramento do turno. Ex: “um lugar fechado, com chuveiros e tal, <b>aquele negócio todo</b> pra praticar o esporte” (RJN 35)
coisa desse tipo	Atua como uma estratégia de progressão referencial, opera uma seleção/restricção dentre as propriedades atribuíveis ao referente. O falante faz a ativação (anafórica/catafórica) de traços gerais de forma a delimitar/restringir o referente, especificando-o, para uma continuidade progressiva no turno. Ex: “servem para regular volume e luminosidade, contraste e horizontal, vertical, <b>coisas desse tipo</b> ” (RJN 45)
coisa e tal	Equivalente à abreviatura etc (etcétera), que significa ‘e outras coisas’; ‘assim por diante’. Ex: “a conversa dele foi boa... <b>coisa e tal</b> ... ele me fez um desafio...” (RGD 04 - GVN)
com coisa que	Equivalente à <i>como se</i> , atua como conjunção comparativa hipotética ou subjetiva <sup>36</sup> . Ex: “a Vale tá chegando aí ó” ( ) <b>com coisa que</b> hoje pegar na Vale num é igual anti/antigamente...” (CTE 11 - WAL)
dar um negócio	Sentir-se mal por algum motivo ou circunstância; desfalecer. Ex: “morrendo de medo... aí... eh... me <b>deu um negócio</b> ... porque... não dava pra eu correr” (JZF 14 - EDU)
é a tal coisa	Atua como uma estratégia de progressão referencial, introduz/reorganiza as propriedades atribuíveis a ideia/referente. O falante faz a ativação (anafórica/catafórica) de traços gerais de forma a inserir/reformular o turno para uma continuidade progressiva. Ex: “Agora de cavalo, <b>é a tal coisa</b> , se não me disserem, eu sou capaz de comer” (RJN 120)
é aquele negócio	Atua como uma estratégia de progressão referencial, introduz/reorganiza as propriedades atribuíveis a ideia/referente. O falante faz a ativação (anafórica/catafórica) de traços gerais de forma a inserir/reformular o turno para uma continuidade progressiva. Ex: “o início de namoro, um despertar, <b>é aquele negócio</b> : gosto de você como um colega.” (RJN 10)
é o tal negócio	A expressão, que funciona como uma estratégia de progressão referencial, introduz/reorganiza as propriedades atribuíveis a ideia/referente. O falante faz a ativação (anafórica/catafórica) de traços gerais de forma a inserir/reformular o

<sup>36</sup> Cf. Amaral e Ramos, 2014, p. 55.

	turno para uma continuidade progressiva. Ex: “meio pueril, mas <i>é o tal negócio</i> , é ... Evoca assim época de natal” (RJN 21)
é o tipo da coisa	Atua como uma estratégia de progressão referencial, introduz/reorganiza as propriedades atribuíveis a ideia/referente. O falante faz a ativação (anafórica/catafórica) de traços gerais de forma a inserir/reformular o turno para uma continuidade progressiva. Ex: “Olha, eh, a profissão <i>é o tipo da coisa</i> que a gente vai escolhendo de acordo com as opções” (RJN 70)
essa coisa de	Atua como uma estratégia de progressão referencial, opera uma seleção/restrição dentre as propriedades atribuíveis ao referente. O falante faz a ativação (anafórica/catafórica) de traços gerais de forma a delimitar/restringir o referente, especificando-o, para uma continuidade progressiva no turno. Ex: “então é por isso que eu acredito <i>nessa coisa de</i> destino... entendeu?” (RJD 10 - CLA)
esse negócio de	Atua como uma estratégia de progressão referencial, opera uma seleção/restrição dentre as propriedades atribuíveis ao referente. O falante faz a ativação (anafórica/catafórica) de traços gerais de forma a delimitar/restringir o referente, especificando-o, para uma continuidade progressiva no turno. Ex: “Aqui, com praia, <i>esse negócio de</i> ginásio está meio superado, né?” (RJN 35)
esse tipo de coisa	Atua como uma estratégia de progressão referencial, opera uma seleção/restrição dentre as propriedades atribuíveis ao referente. O falante faz a ativação (anafórica/catafórica) de traços gerais de forma a delimitar/restringir o referente, especificando-o, para uma continuidade progressiva no turno. Ex: “eu ligo para esse negócio de etiqueta... <i>esse tipo de coisa</i> ..... e dar uma gafe dessa” (NTR 03 - ELI)
esse trem de	Atua como uma estratégia de progressão referencial, opera uma seleção/restrição dentre as propriedades atribuíveis ao referente. O falante faz a ativação (anafórica/catafórica) de traços gerais de forma a delimitar/restringir o referente, especificando-o, para uma continuidade progressiva no turno. Ex: “eu gostava... mai[s] pr[a] <i>esses trem de</i> apresentar trabalho assim na frente de muita gente... aí dava não” (CTE 26 - ARL)
esse trem todo	Atua como uma estratégia de progressão referencial, opera uma generalização das propriedades atribuíveis ao referente. O falante faz a ativação (anafórica) de traços gerais de forma a cingir o referente, para uma continuidade/encerramento do turno. Ex: “revoltado como o presidente e tal e já rola <i>esse trem todo</i> sabe?” (BHZ 13 - NAT)
homem branco	Denominação pejorativa para os colonizadores europeus. Ex: “a invasão do <i>homem branco</i> em todos Estados Unidos em busca de, de ouro” (RJN 135)
homem do campo	Trabalhador rural. Ex: “você tinha o servo <i>homem do campo</i> trabaLHANdo para os senhores” (FRT - 18)
mulher barriguda	Mulher gestante, grávida. Ex: “Quando eu telefonava pra ele, que essas mulheres sempre dadas a dores, a enxaquecas, ele dizia: olha, não vem aqui não porque <i>mulher barriguda</i> me dá azar, fica em casa porque senão vai me dar azar. E sabe que tive meus filhos com cesariana muito bem” (RJN 289)
mulher fácil	Meretriz. Ex: “mas ele quer se aproveitar da situação ... porque sabia que ela era uma prostituta... uma <i>mulher fácil</i> ... quando num tivesse perto dele ... saíria com outro” (NTL 07 - ROS)
não ir a lugar nenhum	Situação que não se modifica ou não se resolve se permanecer como está. Ex: “Mas você ficar criticando você <i>não vai a lugar ... a lu/ a lugar nenhum</i> ... pelo contrário” (NTL 07 - ROS)

negócio de louco	1. Algo que acontece de forma inusitada, estranha. 2. Caos; bagunça. Ex: “mas isso ninguém nem conhece, é um <i>negócio de doido</i> lá” (RJN 78)
negócio desse tipo	Atua como uma estratégia de progressão referencial, opera uma seleção/restricção dentre as propriedades atribuíveis ao referente. O falante faz a ativação (anafórica/catafórica) de traços gerais de forma a delimitar/restringir o referente, especificando-o, para uma continuidade progressiva no turno. Ex: “E, e doce ela vendia cocada, eh, cuscuz. Tinha mais ou menos as mesmas coisas, não é? Eh, não me lembro bem, <i>negócios desse tipo</i> assim.” (RJN 29)
o negócio é o seguinte	Atua como uma estratégia de progressão referencial, introduz/reorganiza as propriedades atribuíveis a ideia/referente. O falante faz a ativação (anafórica/catafórica) de traços gerais de forma a inserir/reformular o turno para uma continuidade progressiva. Ex: “Então <i>o negócio era o seguinte</i> : nós não vamos passar perto da casa velha” (RJN 84)
que coisa	1. Expressa surpresa ou incredulidade; 2. deboche. Ex: “Não, se quiser eu dou com quilos também. (risos) <i>Que coisa!</i> ” (RJN 78)
ser o cara	Pessoa considera esperta ou mais competente dentre outras. Ex: “dizer o violinista o primeiro violinista né? que a gente chama o primeiro que <i>é o cara</i> ... TOque muito melhor do que ele certamente né:?” (FRT - 27)
você vê uma coisa	Atua como uma estratégia de progressão referencial, introduz/reorganiza as propriedades atribuíveis a ideia/referente. O falante faz a ativação (anafórica/catafórica) de traços gerais de forma a inserir/reformular o turno para uma continuidade progressiva. Ex: “Agora <i>você vê uma coisa</i> : você acha que nós vamos ter público pra isso?” (RJN 373)